

ESG

NA PRÁTICA



ABRAINC

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
INCORPORADORAS IMOBILIÁRIAS



INCORPORAÇÃO,
INFORMAÇÃO
E DIÁLOGO.



Esta cartilha foi elaborada com o intuito de **fomentar a discussão** sobre quão indispensáveis são os **conceitos ESG – Environmental, Social and Governance** (em português, Ambiental, Social e Governança) – para o mundo.

As instituições que almejam um **futuro de sucesso** precisam estar atentas aos desafios e ter clareza de suas responsabilidades e do seu papel para o **desenvolvimento sustentável**.

Foi nesse contexto que a **Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias – ABRAINC** – elaborou este conteúdo. Ele expõe de forma clara e prática que existem vários caminhos a se trilhar. Quem não acompanhar as mudanças que o mundo vive ficará para trás.

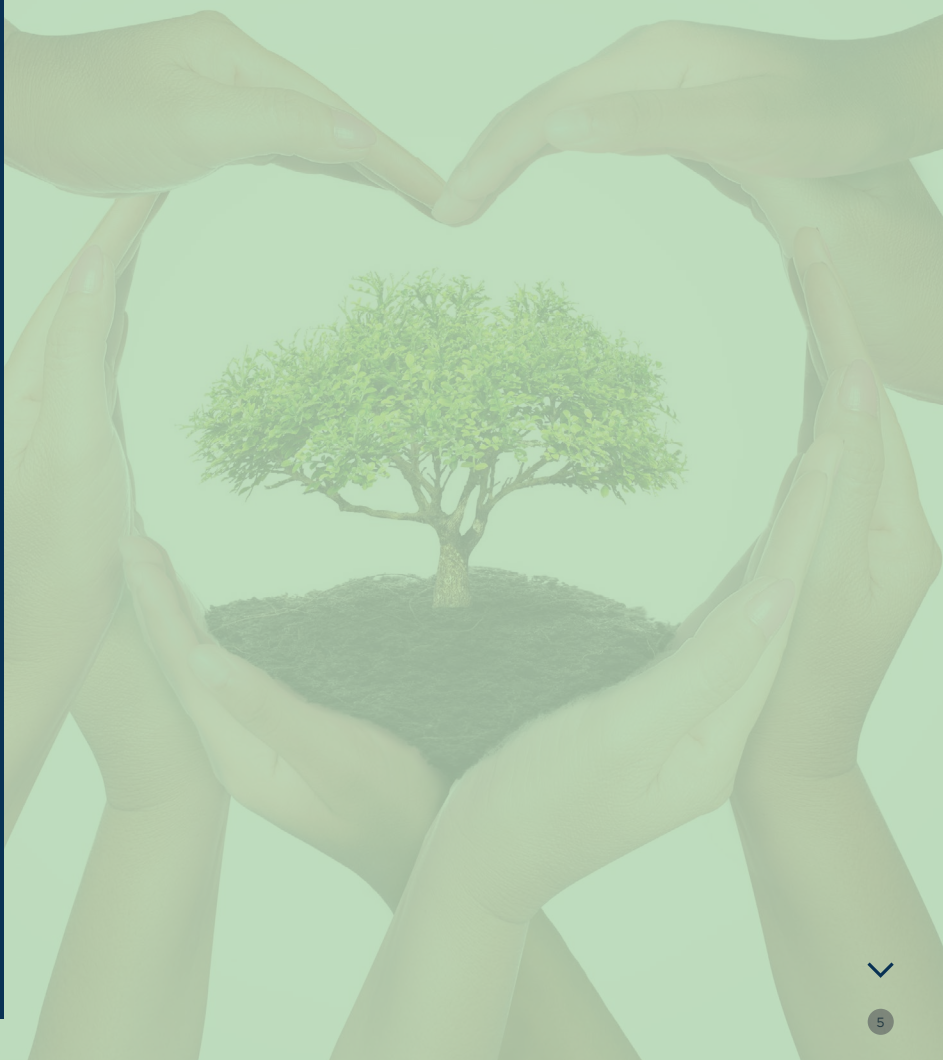
Esperamos que apreciem o conteúdo!

Boa leitura!

O que é ESG.....	5
Agenda ESG	6
Conhecendo os ODS.....	8
Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	9
O Acordo de Paris.....	14
Critérios ESG.....	16
ESG e a busca pela transparência e sustentabilidade na cadeia produtiva.....	18
Estudo sobre ESG e o mercado de capitais	20
Benchmarking regulatório.....	21
Pesquisa com investidores	22
Importância do estudo.....	25
Reguladores internacionais caminham para normas abrangentes sobre ESG	26
O compromisso ESG/ABRAINC	29
Ações ABRAINC dentro das premissas ESG	30
A descarbonização e os planos setoriais de mitigação de mudanças climáticas	32
Projeto setorial.....	34
Aliança pela redução de GEE no setor de construção e incorporação imobiliária	34
Regulação de seguros	35
Sobre o projeto	36
Objetivos	36
O pacto global	36
No Brasil	37
Adesão da ABRAINC e a importância para o setor	37
IncorporaCast – O canal de informação e diálogo com a incorporação imobiliária.....	39
Movimento Do Mesmo Lado.....	41
Comitê de Produtividade.....	41
Iniciativa do setor: Prêmio Produtividade.....	42
Movimento pela Integridade do Setor de Engenharia e Construção – MISEC	45
Os melhores exemplos estão dentro de casa	46

Cases de associadas ABRAINCO dentro das premissas ESG	47
A.Yoshii	48
Cyrela	54
Direcional	57
Embraed Empreendimentos	60
Mitre Realty	65
MRV	68
Patrimar	72
Perplan	76
Planeta Construtora	84
Plano&Plano	87
Setin Incorporadora	89
Tegra Incorporadora	91
Trisul	97
ESG, mercado imobiliário e investimentos	103
A influência do ESG em investimentos no mercado imobiliário	104
Compromisso e carteira ESG das instituições financeiras	106
Banco do Brasil	107
Bradesco	108
Caixa Econômica Federal	109
Itaú	110
Santander	111
O que dizem os grandes nomes do setor	112
Lívio Giosa	113
Juliana Rubiniak, com colaboração de Juliana Mourão	118
Roberto de Souza e Márcia Menezes	124
Anselmo Bonservizzi	135
Elisa Rosenthal	140
Luiz França	144
Cícero Araújo	145
Referências bibliográficas	146

O QUE É ESG



Para falar da agenda ESG, precisamos antes entender como surgiu e com qual objetivo.

Em 1972, quase 50 anos atrás, um grupo liderado pela Organização das Nações Unidas (ONU) realizou a 1ª Conferência sobre o Meio Ambiente Humano, na Suécia.

Desde lá o movimento vem promovendo discussões e mobilizações que envolvem diferentes segmentos sociais: empresas, governos, entidades de classe, pesquisadores e a sociedade civil.

Como parte da evolução desse contexto, o termo ESG – Environmental, Social and Governance ou Ambiental, Social e Governança – surge pela primeira vez em 2004, no relatório Who cares wins (Quem se importa ganha), produzido pela ONU em parceria com instituições financeiras, reunindo premissas e orientações de melhores práticas relacionadas às três frentes.

Além desse documento, outros dois pactos pelo desenvolvimento global sustentável capitaneados pela ONU impulsionaram a inserção do ESG na agenda das empresas – em especial, na Europa e nos Estados Unidos: os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o Acordo de Paris, firmados em 2015.

Os três pilares são utilizados hoje como critérios para entender se uma empresa apresenta sustentabilidade em todos os âmbitos empresariais, contribuindo para a perspectiva de análise do negócio além dos aspectos financeiros. Isto é, verifica-se se a companhia é opção viável de investimento sustentável e capaz de promover impactos positivos financeiros, sociais e ambientais.



Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são uma agenda mundial adotada durante a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável em setembro de 2015, composta por 17 objetivos e 169 metas a serem atingidos até 2030. Conheça cada um desses objetivos.



1 - Erradicação da pobreza:

acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.



2 - Fome zero e agricultura sustentável:

acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e a melhoria da nutrição, e promover a agricultura sustentável.



3 - Saúde e bem-estar:

assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.



4 – Educação de qualidade:

assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.



5 – Igualdade de gênero:

alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.



6 – Água potável e saneamento:

garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e do saneamento para todos.



7 – Energia limpa e acessível:

garantir acesso à energia barata, confiável, sustentável e renovável para todos.



8 – Trabalho decente e crescimento econômico:

promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos.



9 – Indústria, inovação e infraestrutura:

construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável, e fomentar a inovação.



10 – Redução das

desigualdades: reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles.



11 – Cidades e comunidades sustentáveis:

tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.



12 – Consumo e produção

responsáveis: assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.



13 – Ação contra a mudança

global do clima: tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos.



14 – Vida na água:

conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.



15 – Vida terrestre: proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de maneira sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da Terra e deter a perda da biodiversidade.



16 – Paz, justiça e instituições eficazes: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.



17 – Parcerias e meios de implementação: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.



O ACORDO DE PARIS

O Acordo de Paris é um tratado global adotado em dezembro de 2015 pelos países signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC, United Nations Framework Convention on Climate Change) durante a 21ª Conferência das Partes (COP21), com o objetivo de reger medidas para a redução de emissão de dióxido de carbono e reforçar a resposta dos países diante das alterações climáticas no planeta. Também tem o intuito de estimular o suporte financeiro e tecnológico por parte dos países desenvolvidos para ampliar as ações para o cumprimento das metas das nações menos desenvolvidas; promover o

desenvolvimento tecnológico, a transferência de tecnologia e a capacitação para adaptação às mudanças climáticas; proporcionar a cooperação entre a sociedade civil, o setor privado, instituições financeiras, cidades, comunidades e povos indígenas para ampliar; e fortalecer ações de mitigação do aquecimento global.

Discutido por 195 países, o compromisso internacional foi aprovado em 12 de dezembro de 2015 e entrou em vigor oficialmente no dia 4 de novembro de 2016. Neste acordo, os governos firmam a missão de agir para a manutenção da temperatura média do planeta abaixo de 2°C, quando comparada aos níveis pré-industriais, e apresentam planos de ação para redução das emissões de poluentes por meio da Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC, Nationally Determined Contribution).

A primeira NDC submetida pelo governo brasileiro, ratificada em 2016, previa a meta de reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 37% até 2025 e em 43% até 2030, em comparação às emissões de 2005. Para alcançar esse objetivo, em 2020, o Brasil lançou uma nova NDC com o compromisso de reduzir em 43% as emissões brasileiras até 2030 e atingir a neutralidade climática em 2060.

CRITÉRIOS **ESG**

Dentre os critérios ambientais **(environmental - E)**, as empresas precisam ter iniciativas para proteger os **recursos naturais**, **reduzir a emissão de poluentes** e **impactar positivamente o meio ambiente**.



RECURSOS
NATURAIS



REDUZIR
A EMISSÃO DE
POLUENTES



MEIO
AMBIENTE

As proposições sociais **(social - S)** englobam do **engajamento das corporações** em relação às políticas de **diversidade** para o ambiente de trabalho até projetos para **reduzir a desigualdade** na sociedade, por exemplo.



ENGAJAMENTO



DIVERSIDADE



DESIGUALDADE

E a governança **(governance - G)** trata da **transparência dos processos corporativos**, como o trabalho voltado à independência do conselho administrativo e o investimento em mecanismos para impedir casos de **corrupção**, **discriminação** e **assédio**.



TRANSPARÊNCIA



CORUPÇÃO



DISCRIMINAÇÃO



ASSÉDIO

ESG E A BUSCA PELA TRANSPARÊNCIA E SUSTENTABILIDADE NA CADEIA PRODUTIVA

A busca das instituições por meios de minimizar os impactos ao meio ambiente reflete-se também no mercado financeiro, nas decisões, nas análises de risco, nos investimentos, nos incentivos e nas concessões de crédito.



No âmbito do setor da construção civil, de 40% a 75% dos materiais consumidos estão na indústria, segundo dados apresentados em 2012 por Vahan Agopyan, professor do Departamento de Engenharia de Construção Civil da Escola Politécnica da USP (SP), no primeiro dia da segunda edição do USP Conference of Engineering, que discutiu sobre a importância dos materiais de construção para a sustentabilidade.

Além disso, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - Pnuma aponta que os setores da construção civil e da infraestrutura são responsáveis por 38% das emissões de CO₂ relacionadas à energia e consomem quase 50% dos recursos naturais extraídos do planeta.

O papel do ESG, além de estimular as empresas à conscientização da necessidade urgente de rever as políticas de uso dos recursos e das matérias-primas, também engloba o trato sustentável ao meio ambiente, como o uso de solo, a contaminação de rios e os prejuízos para as populações no entorno.

Assim como a busca por eficiência energética é essencial para uma empresa que integra a cadeia produtiva, o ESG também se relaciona com a importância de ações para mais transparência no viés institucional das companhias – como a criação de políticas anticorrupção e contra a lavagem de dinheiro, governança, ética, respeito e promoção da diversidade entre os colaboradores –, visando a ambientes de investimentos e negócios mais responsáveis.



ESTUDO SOBRE ESG E O MERCADO DE CAPITAIS

O estudo exploratório apresenta as principais regulamentações internacionais a respeito do tema ESG, assim como os padrões de divulgação, mandatórios ou voluntários. O objetivo foi avaliar as tendências em torno do tema e a existência de algum padrão de reporte mais adequado e internacionalmente aceito para a divulgação dos fatores ESG.

BENCHMARKING REGULATÓRIO

Confira algumas das conclusões da ASA/CVM após análise comparativa entre normas vigentes no Brasil e outros mercados de capitais internacionais:

- aumento das discussões a respeito das práticas ESG em decorrência da pandemia de Covid-19: maior urgência nas iniciativas com enfoque em sustentabilidade;
- crescente interesse do mercado sobre políticas de responsabilidade social;
- expansão da demanda por informações mais consistentes, comparáveis e úteis à decisão e ao risco de greenwashing.

Segundo o estudo, algumas jurisdições – Austrália, Canadá, Estados Unidos, União Europeia e Reino Unido – parecem caminhar rumo a regulações mais abrangentes sobre reportes, obrigatórios ou não, dos aspectos ESG, principalmente em relação às mudanças climáticas. Houve expressivo crescimento no volume financeiro dos investimentos sustentáveis globais, atingindo US\$ 35,3 trilhões nos cinco principais mercados cobertos pelo relatório (Austrália, Canadá, Europa, Estados Unidos e Japão), o que representa aproximadamente 36% dos ativos financeiros sob gestão no mundo.

DADOS: RELATÓRIO GERENCIAMENTO DE RISCOS GLOBAIS - GRIS 2020.

PESQUISA COM INVESTIDORES

Em novembro de 2021, foi feita a pesquisa da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), com investidores do mercado de capitais a respeito do tema. O objetivo foi compreender o nível de conhecimento e interesse desse público sobre aspectos ESG e sua influência nas escolhas de investimentos.

A pesquisa (realizada no período de 16 de novembro a 10 de dezembro de 2021, obtendo uma amostra de 263 respostas para o estudo) teve como finalidade compreender o conhecimento e o interesse do investidor a respeito dos aspectos ESG e como esse assunto influencia, ou não, nas suas escolhas de investimentos, dado o aumento das discussões no mercado sobre informações e riscos ESG.

Em relação ao conhecimento a respeito dos critérios ESG, 94% dos respondentes afirmaram ter algum tipo de conhecimento sobre o tema (gráfico na próxima página). Desses 94%, 41% dos respondentes indicaram ter conhecimento profundo sobre os aspectos ESG e 47% responderam que conhecem razoavelmente o tema. Provavelmente, o fato de uma parcela expressiva dos participantes ter conhecimento profundo a respeito da temática dessa pesquisa está relacionado

com o tempo de investimento dos respondentes: a maioria investe há mais de 10 anos ou há pelo menos 5 anos.

Você tem algum conhecimento ou já tinha ouvido falar sobre os critérios ESG?



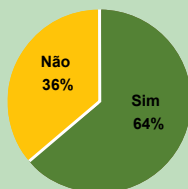
Fonte: Survey. Elaboração própria com dados da pesquisa (2021)

Os participantes que responderam que não conhecem o tema ESG (6%) foram questionados se, de alguma forma, já tinham considerado esse tipo de abordagem na escolha dos seus investimentos: aproximadamente 90% responderam que nunca tinham considerado.

Dos participantes que responderam que têm algum tipo de conhecimento sobre o tema ESG (94%), cerca de 64% responderam que levaram em consideração os critérios ESG na escolha dos seus investimentos. Os participantes que responderam que não consideram os critérios ESG na escolha dos seus investimentos (36%) foram questionados sobre o motivo de não ponderarem. A maioria dos respondentes indicou como obstáculo a “falta de confiança nas informações divulgadas” (39,3%) e a

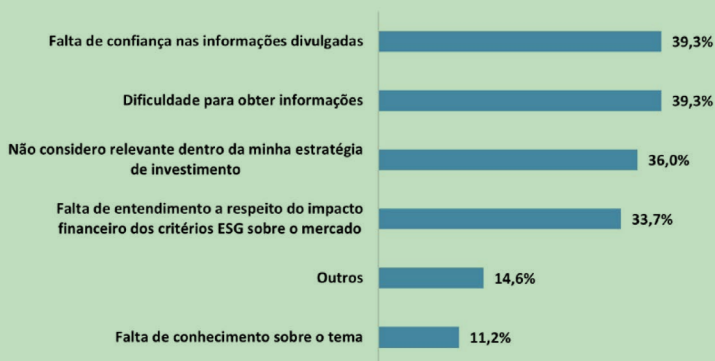
“dificuldade para obter informações ESG” (39,3%). Outros pontos destacados pelos participantes foram “não considero relevante dentro da estratégia de investimento” (36%), “falta de entendimento a respeito do impacto financeiro dos critérios ESG sobre o mercado” (33,7%), “outros” (14,6%) e a “falta de conhecimento sobre o tema” (11,2%).

Você considera os critérios ESG na escolha dos seus investimentos?



Fonte: Survey. Elaboração própria com dados da pesquisa (2021)

Motivos para não considerar os critérios ESG na escolha dos investimentos



Fonte: Survey. Elaboração própria com dados da pesquisa (2021)

De acordo com os dados da pesquisa, observa-se que a baixa adesão aos investimentos ESG está relacionada, principalmente, com a falta de confiança e a dificuldade dos investidores em analisar e comparar as informações ESG divulgadas, o que vai ao encontro do que foi exposto no estudo em relação ao aumento na demanda por informações mais confiáveis, com a integração de fatores ESG na análise de investimentos. Cheng, Ioannou e Serafeim (2014) concluem que níveis mais altos de transparência reduzem as assimetrias de informação entre a empresa e os investidores. Nesse sentido, a educação financeira é uma ferramenta essencial para apoiar as finanças sustentáveis.”

FONTE: “A AGENDA ESG E O MERCADO DE CAPITAIS”, COMISSÃO DE VALORES IMOBILIÁRIOS.

IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

A integração dos fatores ESG ao mercado de capitais tem crescido em todo o mundo. O estudo mostra que os riscos não financeiros estão sendo cada vez mais considerados por investidores em seus processos de tomada de decisão.

De acordo com o relatório da Iosco* de 2021, relacionado à sustentabilidade, o principal motivo é o aumento da percepção global dos impactos econômicos e financeiros dos riscos ambientais, sociais e de governança.

EXCERTO RETIRADO DO ARTIGO PUBLICADO NO PORTAL DO MINISTÉRIO DA ECONOMIA EM 26/05/2022, “CVM DIVULGA ESTUDO SOBRE ESG E O MERCADO DE CAPITAIS”

** IOSCO - INTERNATIONAL ORGANIZATION OF SECURITIES COMMISSIONS. EM PORTUGUÊS: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE VALORES MOBILIÁRIOS.*

REGULADORES INTERNACIONAIS CAMINHAM PARA NORMAS ABRANGENTES SOBRE ESG

O foco regulatório tem sido as mudanças climáticas, e as principais preocupações dos reguladores e participantes do mercado giram em torno do greenwashing, em que empresas divulgam um “discurso verde” sem segui-lo efetivamente. As primeiras irregularidades começam a ser punidas, ainda que de modo incipiente. Recentemente, a Securities and Exchange Commission (SEC, a comissão de valores mobiliários dos EUA) aceitou um acordo de US\$ 1,5 milhão com o BNY Mellon Investment Adviser.

Os investimentos sustentáveis globais atingiram US\$ 35,3 trilhões, considerando Austrália, Canadá, Europa, Estados Unidos e Japão. O volume representa aumento de 15% em dois anos, entre 2018 e 2020.

O estudo foi realizado pela Assessoria de Análise Econômica e Gestão de Riscos (ASA) da autarquia, com a colaboração do IBGC. O trabalho envolveu pesquisa com investidores e companhias abertas locais, além de analisar o avanço da regulação internacional. Reguladores do mercado de valores mobiliários na Austrália, no Canadá, nos Estados Unidos e no Reino Unido colaboraram com dados.

Nos reguladores pesquisados, a movimentação rumo a maior obrigatoriedade de relato ESG é evidente, diz o estudo. Nos Estados Unidos, a partir de 2022, empresas relacionadas na Nasdaq devem publicar informações relativas à diversidade no conselho. Os próximos meses devem indicar o caminho escolhido pelos agentes americanos, especialmente a SEC.

A União Europeia busca exercer o papel de liderança internacional quanto à temática de finanças sustentáveis e ao relato de fatores ESG, em um esforço de longa data, que ganhou ainda mais potência ao longo dos últimos anos. O Reino Unido também se destaca com ações mais robustas, principalmente em relação às mudanças climáticas, e o compromisso com o desenvolvimento de uma taxonomia verde.

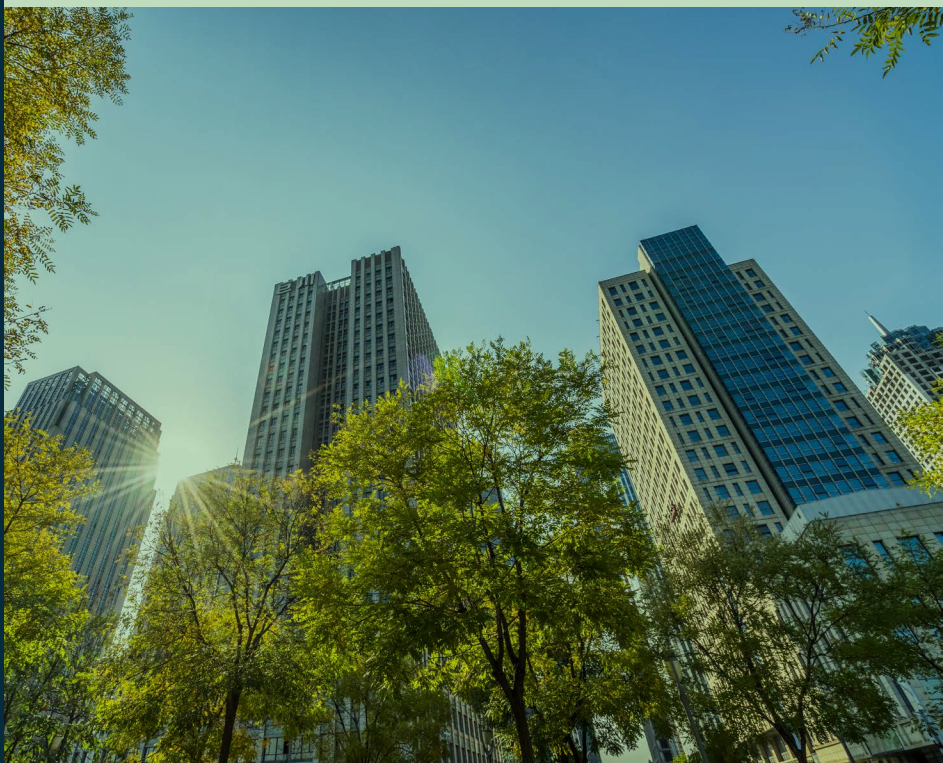
No Brasil, a CVM vai passar a exigir mais informações ESG das companhias a partir de 2023, com as mudanças feitas na Resolução 59, que ditam as regras do formulário de referência. Além disso, os fundos de investimentos “verdes” serão regulados oficialmente pela autarquia e há chances de a norma ser destinada a toda a indústria, conforme já noticiado pelo jornal Valor.

O documento divulgado pela CVM aponta que estudos mostram que as informações dos fatores ESG trazem benefícios aos investidores porque estão integradas a questões economicamente significativas.

A divulgação dos dados está associada a menores restrições financeiras, menores custos de capital, menores erros de previsão dos analistas e movimentos de preços de ações em torno de regulações desse tipo de divulgação.

Em relação à divulgação de informações ESG, as empresas relacionadas são propensas a relatar mais extensivamente sobre questões de sustentabilidade em função de pressões do mercado. Há também o objetivo estratégico de diminuir as assimetrias de informação na condução dos negócios, dissipando as dúvidas sobre sua legitimidade social.

O COMPROMISSO ESG ABRAINC



AÇÕES ABRAINCC DENTRO DAS PREMISSAS ESG

Em 2014, a ABRAINCC criou a Cartilha de Desburocratização e Compliance com o objetivo de orientar as melhores práticas e transparência para o mercado da incorporação imobiliária. Também estabeleceu o Conselho Administrativo da ABRAINCC, composto por membros dentre presidentes, VPs, CEOs e diretores de 8 associadas, que auxiliam nas tomadas de decisões, tratam sobre as questões orçamentárias e o destino dos fundos da entidade, sempre atuando com total clareza com os seus associados.

A associação realiza ainda assembleias ordinárias e extraordinárias para aprovação de contas e deliberações estatutárias. E as reuniões com os associados são bimestrais, com viés informativo, networking e estratégias deliberativas entre os representantes das incorporadoras.

Os comitês da ABRAINCC – Jurídico, Técnico, Médio e Alto Padrão e Habitação Econômica – são voltados para fomentar discussões e deliberações com os associados sobre os pleitos do setor, e auxiliam em respaldar a atuação da ABRAINCC junto dos governos. Como idealizadora do Grupo Do Mesmo Lado, a ABRAINCC reúne entidades representantes de construtoras e de

fornecedores da construção para debater ideias e práticas que contribuam para melhorar o desempenho da construção civil. A iniciativa criou o Prêmio Produtividade Do Mesmo Lado, que reconhece e agracia as soluções voltadas para o aumento da produtividade, sustentabilidade e eficiência para o setor.

E a entidade também é parte do MISEC, Movimento pela Integridade do Setor de Engenharia de Construção, movimento que busca a transformação do setor com boas práticas de compliance e integridade. Surgiu a partir da mobilização de várias empresas do setor e conta com o suporte da Rede Brasil do Pacto Global da ONU e do Instituto Ethos.

A DESCARBONIZAÇÃO E OS PLANOS SETORIAIS DE MITIGAÇÃO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

A necessidade de diminuir as emissões de carbono da construção civil tem mobilizado entidades de classe, iniciativa privada e representantes do poder público do Brasil.

O Decreto Federal nº 11.075/2022, publicado em 19 de maio de 2022, estabeleceu os procedimentos para a elaboração dos Planos Setoriais de Mitigação das Mudanças Climáticas e instituiu o Sinare – Sistema Nacional de Redução de Emissões de Gases de Efeito Estufa –, que servirá como central única de registro de emissões, remoções, reduções e compensações dos gases de efeito estufa.

O tema “mudanças climáticas” irá pautar a economia de todos os países nos próximos 30 anos e está associado ao acúmulo e ao aumento dos gases do efeito estufa (GEE) na atmosfera, que podem representar riscos importantes às pessoas, à biodiversidade e à economia, caso não sejam enfrentados de maneira adequada.

As mudanças climáticas têm gerado impactos importantes no planeta, como o aumento da temperatura global e dos eventos climáticos extremos, cada vez mais severos e frequentes, e uma reação global – com movimentações

políticas, precificação de carbono e mudanças nos padrões de consumo e produção. Nesse contexto, ampliam-se as pressões sociais e governamentais, que geram cada vez mais regulamentações, incluindo leis e decretos voltados à diminuição do impacto ambiental gerado pelas empresas. Cresce, também, a atenção dos consumidores e outros stakeholders, como bancos e investidores, para as ações sustentáveis das companhias.

Considerando os desafios para a mitigação das mudanças climáticas, e cientes do papel relevante que o setor de construção e incorporação imobiliária desempenhará no processo de redução das emissões de GEE, a ABRAINC, o Secovi-SP e o SindusCon-SP uniram-se para tratar a pauta em prol da economia de baixo carbono por meio desse projeto.

PROJETO SETORIAL

ALIANÇA PELA REDUÇÃO DE GEE NO SETOR DE CONSTRUÇÃO E INCORPORAÇÃO IMOBILIÁRIA

POR QUE AGIR AGORA?

Além da importância do tema “mudanças climáticas” e a premência em impactar positivamente a sociedade brasileira e o meio ambiente global, destacamos alguns fatores críticos que nos incentivam a agir agora. Confira.

Decreto Federal nº 11.075/2022

Publicado em 19 de maio de 2022, estipula que diversos setores da economia, entre eles o da construção civil, no qual se enquadram a construção e incorporação imobiliária, devem estabelecer metas gradativas de redução de emissões de GEE, a fim de contribuir com as metas internacionalmente determinadas pelo Brasil (NDC) para a neutralidade climática em 2050. O prazo para apresentar os planos de mitigação vence em maio de 2023 e, caso não haja um posicionamento setorial, as metas de redução serão definidas pelo governo.

REGULAÇÕES DE INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS (BC E CVM)

As recentes regulações do Banco Central para os bancos, para a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e para as empresas relacionadas em Bolsa refletem o avanço do setor financeiro em relação aos temas sociais, ambientais e climáticos. Os riscos climáticos passam a ser considerados em conjunto com outros riscos tradicionais, como os de crédito, de liquidez e de mercado. Com esses novos requisitos, as instituições financeiras passarão a demandar informações sobre o impacto climático das empresas para a concessão de crédito ou o aporte em investimentos.

REGULAÇÃO DE SEGUROS

As seguradoras, por meio da Circular 666/2022 da SUSEP (Superintendência de Seguros Privados), passaram a destacar também o risco climático. As novas regras devem acelerar a incorporação desses aspectos nas modelagens de riscos, possivelmente afetando, em última instância, o cálculo de prêmios, as coberturas e os processos de subscrição, além de abrir espaço para novos produtos, ampliando o impacto positivo dos negócios.

SOBRE O PROJETO

OBJETIVOS

Atender às disposições do Decreto Federal nº 11.075/2022, visando a gerar um posicionamento do setor da construção civil e incorporação imobiliária para a definição de metas de redução da emissão de GEE.

Conscientizar, orientar e fomentar o caminho das empresas do setor rumo a uma economia de baixo carbono.

Divulgar, de maneira estruturada e periódica, as ações decorrentes desse trabalho, demonstrando a proatividade do setor em relação ao tema “mudanças climáticas”.

O PACTO GLOBAL

O Pacto Global é um chamado para as empresas alinharem suas estratégias e operações aos 10 Princípios Universais nas áreas de Direitos Humanos, Trabalho, Meio Ambiente e Anticorrupção, e desenvolverem ações que contribuam para o enfrentamento dos desafios da sociedade. É hoje a maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo, com mais de 16 mil participantes, entre empresas e organizações, distribuídos em 70 redes locais, que abrangem 160 países.

NO BRASIL

Criada em 2003, a Rede Brasil responde à sede do Pacto Global, em Nova York, e preside o Conselho das Redes Locais na América Latina. Hoje, é a terceira maior rede local do mundo, com mais de 1,5 mil membros e mais de 40 projetos conduzidos no País, desenvolvidos por meio das Plataformas de Ação (Ação pela Água, Ação pelo Agro Sustentável, Ação pelos Direitos Humanos, Ação pelo Clima, Ação contra a Corrupção, Ação pelos ODS e Ação para Comunicar e Engajar) e dos Programas Internacionais.

ADESÃO DA ABRAINCC E A IMPORTÂNCIA PARA O SETOR

Durante a 5ª edição do evento Incorpora – Fórum Brasileiro das Incorporadoras Imobiliárias –, realizada no dia 29 de setembro de 2022, no Hotel Unique, em São Paulo, a ABRAINCC assinou o termo de adesão à iniciativa na presença do CEO do Pacto Global no Brasil, Carlo Pereira, e se comprometeu em trabalhar pelas metas de redução das emissões de gases de efeito estufa e pela sustentabilidade do setor.

“Não basta assinar um papel, é preciso se comprometer”, afirmou Luiz França, presidente da ABRAIN, na solenidade.



CRÉDITO: TÚLIO VIDAL

Presidente do Pacto Global, Carlo Pereira, e o presidente da ABRAIN, Luiz França.



O CANAL DE INFORMAÇÃO E DIÁLOGO COM A INCORPORAÇÃO IMOBILIÁRIA

A ABRAINC criou o IncorporeCast, mais um canal de informação e diálogo sobre o mercado imobiliário e a cadeia construtiva. O objetivo do podcast é conversar com convidados conceituados com atuação na construção civil, na gestão pública, em instituições financeiras, bem como investidores e especialistas do mercado, e abordar os diferentes assuntos que englobam o desenvolvimento do setor imobiliário.

Em março, Mês da Mulher, a ABRAINC conversou com importantes lideranças femininas, **Bianca Setin**, diretora de Operações da Setin, e **Patrícia Valadares**, diretora de Desenvolvimento e Gestão de Ativos da GTIS. A condução dos bate-papos foi feita pela jornalista Emília Bizzotto.

Os dois podcasts fazem parte da campanha da ABRAINC #MulheresÀObra, realizada anualmente para quebrar paradigmas e mostrar ao mundo o talento e a força feminina no setor. A programação tem como objetivo ajudar a superar preconceitos, tabus e mitos de que o público feminino não tem o perfil para trabalhar em áreas relacionadas à construção civil.

O primeiro programa ouviu Bianca Setin. Arquiteta por formação, ela relatou sua carreira dentro do setor desde os 14 anos e como passou por praticamente todos os cantos da incorporação até ocupar a diretoria da Setin.

“A minha mensagem final é para as mulheres, para encorajá-las a estarem preparadas para entrar no setor (da construção civil) e em outros setores da formação de cada uma. E nós temos capacidade de estarmos juntos dos homens, não só para falar de mulheres e liderança feminina, mas também sobre economia, do mercado, de política, de forma igual.”

No mesmo sentido, no episódio em que participou, Patrícia Valadares contou um pouco de suas experiências ao longo de 26 anos na incorporação imobiliária até assumir a diretoria de Desenvolvimento e Gestão de Ativos da GTIS.

“Acho que tem muito caminho para a mulher ganhar o reconhecimento igualitário, merecido, mas acho que já avançamos bastante na ocupação de espaços.”

Os conteúdos estão disponíveis para serem vistos e ouvidos no canal do YouTube da ABRAININC e acompanhados nas principais plataformas de streaming (Spotify e Deezer).

ASSISTA A TODOS
OS EPISÓDIOS.



MOVIMENTO DO MESMO LADO

Unir empresas para traçar planos e metas por objetivos comuns. Essa foi a motivação da ABRAINC para criar o movimento Do Mesmo Lado.

O grupo atua para pensar soluções que propiciem um ambiente de negócios mais favorável, mostrando ao poder público e à sociedade quais as demandas mais urgentes do mercado brasileiro para superar a crise econômica, aumentar a competitividade, gerar emprego e o desenvolvimento do País.

COMITÊ DE PRODUTIVIDADE

Criado dentro do movimento Do Mesmo Lado, o Comitê de Produtividade Do Mesmo Lado reúne entidades representantes de construtoras e de fornecedores da construção. Anualmente são realizados cinco encontros entre os representantes das entidades para diálogo e relacionamento para discutir o cenário econômico, normas técnicas, demandas da cadeia produtiva da construção civil e projetos para o desenvolvimento do setor.

INICIATIVA DO SETOR: PRÊMIO PRODUTIVIDADE

O Brasil ocupa em 2022 o segundo lugar entre as economias mais inovadoras na América Latina, só atrás do Chile (50^a). E ganhou três posições no Índice Global de Inovação (IGI) de 2022, ficando agora em 54^o lugar entre 132 países, de acordo com relatório publicado pela Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI) no dia 29 de setembro de 2022. Embora tenha caído duas posições no sub-ranking de “insumos da inovação” – de 56^o em 2021 para 58^o lugar neste ano –, o País subiu seis posições no sub-ranking de “resultados de inovação”, passando de 59^o para o 53^o lugar de um ano para outro.

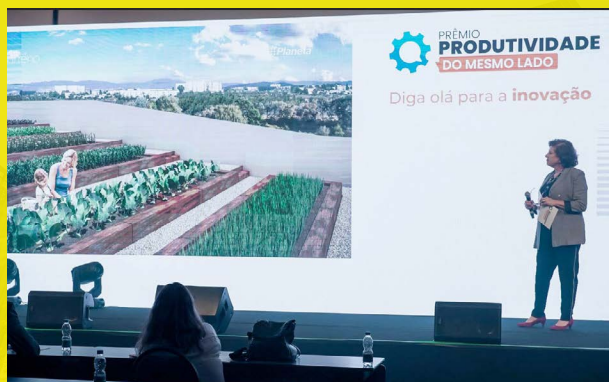
Como resultados de propostas e iniciativas para o desenvolvimento e com o objetivo de estimular a resiliência dos elos da cadeia da construção, a ABRAINCC e o Comitê de Produtividade Do Mesmo Lado criaram em 2020 o Prêmio Produtividade, iniciativa anual que reconhece os esforços e amplia a visibilidade de empresas que apresentam soluções e inovações tecnológicas em obras, aumentando o potencial, a sustentabilidade e a produtividade no âmbito da construção.

Em 2021, foram 22 cases inscritos, com votação dos melhores por júri técnico e popular, dentro das cinco categorias: replicabilidade, solução técnica, impacto na obra, votação popular e integração fornecedor e construtor.

PRÊMIO PRODUTIVIDADE



Luiz França, presidente da ABRAIN, e Valter Frigieri, diretor de Mercado da Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP), na cerimônia da 2ª edição do Prêmio Produtividade Do Mesmo Lado.



Marcia Haddad, consultora sênior da ABRAIN, apresenta o case da Construtora Planeta, La Vista Moncayo.

CRÉDITOS: RAFA NEDDERMEYER



Representantes da Construtora Planeta, ganhadores do Prêmio na categoria Replicabilidade.



Luiz França anuncia o ganhador da categoria Segmento Econômico.



Representantes da empresa TecVerde, ganhadora do Prêmio no Segmento Econômico com os empreendimentos residenciais TecVerde.

CRÉDITOS: RAFA NEDDERMEYER

MOVIMENTO PELA INTEGRIDADE DO SETOR DE ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO - MISEC



Movimento pela
Integridade do Setor
de Engenharia e
Construção

O MISEC é um movimento que busca a transformação do setor de engenharia e construção com boas práticas de compliance e integridade. A ABRAINC faz parte dessa ação.

A iniciativa surgiu a partir da mobilização de várias empresas do setor e conta com o suporte da Rede Brasil do Pacto Global da ONU e do Instituto Ethos. O objetivo é estabelecer relações comerciais pautadas na integridade, no combate à corrupção e no exercício da livre concorrência.

OS MELHORES EXEMPLOS ESTÃO DENTRO DE CASA

No Brasil, há cerca de 50 empresas da cadeia produtiva que operam na Bolsa de Valores, B3 – uma das principais empresas de infraestrutura de mercado financeiro no mundo, com atuação em ambiente de bolsa e balcão, que integra os índices Ibovespa, IBRX-50, IBRX e Itag, entre outros, e reúne inovação em produtos e tecnologia.

Desse número, 28 são construtoras e 17 delas associadas ABRAINC: Adolpho Lindenberg, Cury, Cyrela, Direcional, Even, EzTEC, Inter, JHSF, Mitre Realty, Moura Dubeux, MRV, PDG, Plano&Plano, RNI, Tegra, Tenda e Trisul.

Além do âmbito financeiro, o reconhecimento de uma empresa dentro dos critérios ESG pode ocorrer por meio de certificações e/ou políticas específicas, como as certificações LEED (Leadership in Energy and Environmental Design), AQUA-HQE, Procel Edifica e Casa Azul. Destaque para o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3), indicador de desempenho médio das cotações dos ativos de empresas selecionadas pelo comprometimento com a sustentabilidade empresarial.

CASES DE
ASSOCIADAS
ABRAINCA
**DENTRO DAS
PREMISSAS ESG**



Em novembro de 1965, a construtora iniciou seus trabalhos na cidade de Apucarana (PR), prestando serviços para órgãos públicos e autarquias da região. A partir daí, o crescimento foi um processo contínuo, consolidado em grande parte do território nacional.

Nos mais variados segmentos privados da economia, o Grupo A.Yoshii construiu mais de 2 milhões de metros quadrados, do Sul ao Nordeste do Brasil. São obras industriais, edifícios corporativos e residenciais, escolas, universidades, teatros e centros esportivos.

Um dos seus principais focos está na construção de empreendimentos de alto padrão, que já viraram cartões-postais das cidades onde a empresa atua. Pontualidade na entrega, excelente padrão de acabamento, ética e transparência nas negociações são marcas registradas da A.Yoshii.

No rol de atuação do Grupo, também estão as edificações econômicas, localizadas em regiões de potencial valorização, realizadas pela Yticon Construção e Incorporação. Fundada em Londrina (PR) em 2009, a construtora expandiu os negócios em direção a outros municípios no Paraná e no interior de São Paulo.

ESG NA PRÁTICA

Seguindo as premissas ESG, o Grupo A.Yoshii prevê projetos educacionais e ambientais durante o ano, por meio do Instituto A.Yoshii. Fundada há 15 anos, a entidade sem fins lucrativos e braço social do Grupo A.Yoshii já envolveu cerca de 2.500 voluntários, beneficiando 50 organizações e impactando mais de 20 mil pessoas em ações voltadas às áreas de educação, cultura e meio ambiente.

A instituição surgiu em Londrina (PR) e foi criada pelo casal Atsushi e Kimiko Yoshii com o propósito de promover a cidadania.

O primeiro projeto implantado foi o Criando Arte, mantido até hoje com oficinas de artesanato sustentável direcionadas especialmente a mulheres de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social. Com o passar do tempo, as iniciativas do Instituto foram ampliadas para regiões onde a construtora está presente com obras residenciais e corporativas. É o caso de Maringá e Curitiba (PR) e Campinas (SP).



“Por meio do Instituto A.Yoshii, buscamos agir como agente transformador, promovendo o desenvolvimento social e cultural, e a preservação do meio ambiente. Entre as ações que realizamos, podemos destacar a campanha Doar Faz Bem, que já arrecadou mais de 4 mil quilos de alimentos para famílias em situação de extrema pobreza”, conta Aparecido Siqueira, presidente do Instituto A.Yoshii.

Além dos projetos, o Instituto apoia ativamente campanhas de doação de sangue e prevenção do câncer, como o Outubro Rosa e Novembro Azul, entre outras.

“Acreditamos que toda empresa deva fomentar e compartilhar cuidados de responsabilidade social nas cidades onde empreende. Em tempos de pandemia, em meio a tantas incertezas, com as crises sanitária e econômica agravadas, ajudamos centenas de famílias. Atuamos em diversos projetos voltados à educação, ao meio ambiente e à cultura. E nos envolvemos mais ainda em campanhas para arrecadação de alimentos e agasalhos, itens essenciais para a vida. Temos um papel de agente transformador, dedicado a ajudar o próximo nas suas necessidades mais básicas”, ressalta Siqueira.

MEIO AMBIENTE

Em projetos como o Mais Verde e Obra & Arte, a construtora impulsiona o plantio de árvores e transforma resíduos da construção em obras de arte, peças que, ao final do projeto, passam a fazer parte dos apartamentos decorados e showrooms do Grupo.

“Em todos os nossos empreendimentos, prezamos também pela sustentabilidade e estamos conectados com o que há de mais moderno nesse sentido. A maioria deles conta, por exemplo, com reúso de água da chuva

nas áreas comuns, carregador para carro elétrico, uso de plantas que primam pelo aproveitamento de luz natural, uso eficiente de energia, projetos de redução de resíduos sólidos, como alvenaria racionalizada, entre outros”, descreve o presidente.



DESENVOLVIMENTO SOCIAL E GOVERNANÇA

Várias iniciativas e campanhas são feitas ao longo do ano em todas as unidades do Grupo envolvendo comunidade e colaboradores. “Temos, por exemplo, o projeto Canteiro de Leitura que começou em Londrina (PR). Os colaboradores têm acesso a livros e revistas selecionados especialmente para as realidades profissional e pessoal de cada um deles. É como uma biblioteca fixa dentro da obra e todos podem utilizar”, explica.



Todo ano, o Grupo também promove o Soul Love, que ajuda entidades como a Guarda Mirim. Além disso, o Instituto A.Yoshii mantém o projeto Alfabetização, que auxilia na formação de colaboradores no ensino fundamental e médio. E, no ano passado, promoveu pela primeira vez o torneio solidário de beach tennis. Todos os projetos fazem parte da agenda ESG do Grupo, que preza pelo conforto, pela saúde e pelo bem-estar de seus colaboradores.



CYRELA



A Cyrela atua no setor da incorporação imobiliária há mais de 58 anos e está presente em 16 Estados e no Distrito Federal. São mais de 200 mil famílias vivendo em lares construídos pela incorporadora.

A Cyrela (CYRE3) possui suas ações relacionadas no Novo Mercado, com a Família Horn sendo a principal acionista da empresa (25,5% das ações). E o Instituto Cyrela, que inicialmente tinha como objetivo melhorar a

renda e a qualidade de vida dos operários da construção civil por meio de capacitações, hoje concentra a administração de todos os investimentos sociais da organização.



Além do apoio financeiro às instituições e aos projetos sociais ligados à educação nas cidades em que as marcas atuam – São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro –, o Instituto fomenta o voluntariado e programas de mentoria para jovens que queiram entrar para o mercado de trabalho.

O Instituto, acreditando na efetividade das ações de médio e longo prazo, investe em projetos contínuos. O foco são as iniciativas voltadas à população em situação de vulnerabilidade social nas cidades em que o Grupo Cyrela atua, e atendem um público de até 24 anos.



DIRECIONAL

A Direcional Engenharia concluiu mais uma captação bem-sucedida no mercado de capitais local. A oferta atingiu o valor de R\$ 300 milhões pela emissão de Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI). Os papéis têm vencimento de 10 anos, prazo raramente observado no setor de incorporação imobiliária.



A transação inovadora contou com a rotulagem social (alinhada aos Social Bond Principles do ICMA), o que associa a emissão aos impactos socioeconômicos positivos dos projetos em que os recursos serão aplicados. Uma organização especializada no tema ESG (Sitawi) foi contratada para prover o parecer independente quanto ao enquadramento dos Títulos Sociais (Social Bonds) dos CRIs.

Com a boa recepção dos investidores, o volume inicialmente ofertado de R\$ 250 milhões foi acrescido pelo lote complementar de 20%, atingindo o volume final de captação de R\$ 300 milhões. Os recursos captados financiarão o desenvolvimento de novos empreendimentos habitacionais com perfil de baixa renda enquadrados no Grupo 2 do Programa Casa Verde e Amarela, que abrange famílias vulneráveis com renda familiar mensal de até R\$ 4 mil.

“A Direcional é AAA. Essa operação inédita diz muito sobre quem somos, toda a disciplina que temos na gestão financeira do Grupo, nosso foco na eficiência operacional, nas inovações tecnológicas, na visão sustentável e, sobretudo, na nossa capacidade de controle e execução das obras. Enfim, o resultado dessa oferta é o reconhecimento do mercado em relação aos sólidos alicerces construídos ao longo de 41 anos de história da Companhia”, diz Henrique Paim, CFO da Direcional.

Com a nova emissão, explica o CFO, a Direcional alongou seu prazo médio de dívida substancialmente, superando os 50 meses, um dos mais longos do setor, além de assegurar uma estrutura de capital conservadora e adequada para um negócio de ciclo longo como o da incorporação imobiliária.

Foi a primeira vez que uma companhia aberta do setor imobiliário residencial concluiu com sucesso uma emissão com essas características (seguindo a Instrução Normativa nº 400 da Comissão de Valores Mobiliários – CVM) com venda pulverizada para todos os perfis de investidores, inclusive os de varejo.

Os CRIs foram emitidos pela True Securitizadora e lastreados em debêntures da Direcional Engenharia. A liquidação financeira ocorreu em 4 de julho de 2022. A remuneração dos investidores é de IPCA + 6,4899% a.a., com juros semestrais e amortizações no oitavo, nono e décimo anos.

Concomitantemente, a companhia contratou uma operação de swap de taxa de juros para substituir o indexador da dívida para CDI + 1,22% a.a., índice extremamente competitivo no mercado atual. Os coordenadores da oferta foram XP, Santander e Itaú BBA.





Fundada em 1984, a Embraed é uma construtora e incorporadora especializada em empreendimentos residenciais de luxo em Balneário Camboriú (SC). A marca registrada de requinte e sofisticação vem sendo aprimorada por Tatiana Rosa Cequinel, no comando dos negócios desde 2013. Em 37 anos de história, a Embraed construiu 45 empreendimentos de alto padrão, que totalizam 677 mil metros quadrados de área construída. Recentemente o Grupo iniciou as vendas das unidades de seus dois primeiros residenciais de alto padrão fora de Balneário Camboriú, situados em Maringá (PR) e Itapema (SC).

A incorporadora anunciou a compensação de 100% das emissões de CO₂ de sua operação. A iniciativa, pioneira na história da empresa, faz parte de um plano mais amplo de adesão da Embraed às melhores práticas ESG e está sendo levado adiante por meio de parceria com a Moss. A compensação é feita com a aquisição, pela construtora, de créditos de carbono gerados pelo projeto Florestal Santa Maria, no norte do Mato Grosso. No modelo escolhido, os valores pagos pela Embraed contribuem para a preservação da floresta numa área especialmente sujeita a pressões para desmatamento.

A Moss é uma climatech brasileira pioneira e líder na comercialização de crédito de carbono e de soluções ambientais em blockchain, que conecta empresas que precisam compensar as emissões de CO₂ de suas atividades – mas que não conseguem fazer isso por conta própria – e projetos que geram créditos de carbono. No caso da parceria com a Embraed, a Moss fez um inventário das emissões da construtora, que leva em consideração o resultado direto e indireto das emissões de gases de efeito estufa, avaliadas de acordo com o GHG Protocol (Greenhouse Gas Control), além de seguir as determinações do Protocolo de Kyoto.

O resultado do cálculo mostrou que a empresa emitiu o equivalente a 3.971 toneladas de CO₂ geradas pela operação da empresa no ano passado – esse montante equivale à emissão de CO₂ referente a aproximadamente 59 mil voos comerciais.

Os recursos envolvidos na compra dos créditos de carbono do projeto Florestal Santa Maria, localizado no município de Colniza (MT), vão ajudar a manter de pé aproximadamente 200 mil metros quadrados de área, de um total de 71,7 mil hectares de floresta, área equivalente à metade do território da cidade de São Paulo.

De acordo com projeção da Moss, em ordem de grandeza, o impacto dessa iniciativa da Embraed corresponde a uma compensação equivalente a 719 voltas de carro na Terra e 5.339 viagens aéreas entre São Paulo e Nova York.

Segundo a Embraed, o apoio da empresa ao projeto Santa Maria se deve à importância da Floresta Amazônica para o mundo e à credibilidade da certificação garantida pela Moss. “Tivemos a preocupação de selecionar com a Moss um projeto certificado, que garante a credibilidade da destinação dos recursos”, diz Tatiana Rosa Cequinell, CEO da Embraed.

FLORESTAL SANTA MARIA

O Florestal Santa Maria, projeto selecionado conforme rigorosos requisitos da climatech, tem modelo baseado em uso não predatório da floresta. Além disso, inclui ações de cunho socioambiental, como a criação de escolas técnicas para oferecer aos jovens da região formação de qualidade ligada às questões da floresta, iniciativa feita em parceria com a Prefeitura.

Um dos diferenciais da iniciativa da Embraed está relacionado ao caráter voluntário da empreitada. O inventário feito pela Moss concluiu que 96% das emissões da construtora estão relacionadas à cadeia de fornecedores — e que, por isso, não seriam de responsabilidade direta da empresa. Mas a Embraed optou por fazer a compensação integral, como forma de reforçar a cultura corporativa orientada aos princípios ESG.

Adicionalmente, na condição de protagonista de grande relevância em seu ramo de negócio, a Embraed incentiva a preocupação ambiental de seus fornecedores, numa engrenagem que só tem a beneficiar a cadeia da construção civil. “Nosso compromisso é com uma operação cada vez mais sustentável, e a compensação das emissões, considerando também a cadeia de fornecimento, é fundamental para a Embraed”, diz Tatiana.

Luis Felipe Adaime, CEO e fundador da Moss, ressalta que a democratização do crédito de carbono que a Moss vem promovendo é essencial para que empresas de diferentes segmentos e tamanhos possam contribuir com ações que combatam o desmatamento da Floresta Amazônica. “Acreditamos que esse modelo irá permitir cada vez mais a adesão de empresas como a Embraed, que estão preocupadas em executar uma agenda sustentável por meio da compensação de emissões de carbono.”

SOBRE A MOSS

A Moss é uma climatech, empresa de tecnologia para serviços ambientais por meio de conhecimento e tecnologia em blockchain. Em 2020, criou o MCO2, o primeiro token lastreado em crédito de carbono usado para compensação de gases de efeito estufa. Desde março de 2020, a Moss já transacionou mais de 150 milhões de reais que ajudaram a conservar, aproximadamente, 152 milhões de árvores na Amazônia em projetos certificados e auditados internacionalmente. O MCO2 Token está relacionado em plataformas como Mercado Bitcoin e NovaDAX, e globalmente na Coinbase, Gemini e Uniswap.





Em 2021, a Mitre Realty começou a desenhar a estratégia ESG como forma de concretizar o seu compromisso de ser transparente com os seus stakeholders. Seu primeiro passo foi estabelecer o Comitê ESG e contratar uma consultoria para auxiliar no desenvolvimento de trabalhos de base para definição de uma estratégia robusta relacionada ao tema.

Foi realizado o diagnóstico ESG para identificar as práticas já existentes e o nível de maturidade da companhia nessa frente, e definido o plano de ação com diretrizes de atuação, sempre com envolvimento da alta liderança. Foi conduzido também o estudo de materialidade, que elencou os 10 temas prioritários para atuação da Mitre Realty, com base na consulta aos stakeholders, considerando tanto os grupos direta ou indiretamente afetados por suas operações quanto aqueles que participam destas em quaisquer níveis.

A partir dos resultados das consultas e de outras fontes de informação, como pesquisas de mercado e relatórios setoriais, foram identificados e priorizados os tópicos mais relevantes para a atuação da companhia durante os anos de 2021 a 2024, com o cuidado de refletir os impactos positivos e negativos nas esferas ambiental, social e de governança.



HADDOCK 885

Ainda em 2021, uma ferramenta foi implementada para gestão de indicadores ESG e elaboração de inventário de emissões. Também criou-se a área de ESG e uma estratégia de atuação aprimorada, além de diretrizes ambientais, sociais, de governança e de engajamento das partes interessadas por meio da Política de Sustentabilidade.

No início de 2022, a Mitre recebeu o reconhecimento do Great Place to Work (GPTW), por meio de sua certificação, e se tornou signatária do Pacto Global e integrante das Plataformas de Ação, buscando contribuir com ações para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Organizou a publicação

do Relatório de Sustentabilidade 2021, o primeiro da companhia, para dar visibilidade e transparência a todas as ações realizadas. Elaborou ainda inventários de emissões de 2020 e 2021, que são marcos importantes em sua estruturação da estratégia de gestão de emissões em busca de uma economia de baixo carbono.

A Mitre Realty continuará trabalhando ativamente para integrar a sustentabilidade ao seu negócio, trazendo diretrizes ESG em sua estratégia corporativa e consolidando ações socioambientais e de governança em suas operações, visando a eliminar, reduzir e/ou compensar externalidades negativas decorrentes de suas atividades, bem como aproveitar oportunidades de geração de impacto positivo para a sociedade e para o meio ambiente.





Na medida em que o mundo se depara com mudanças climáticas cada vez mais inquestionáveis, as grandes empresas precisam assumir o papel de protagonistas no engajamento das suas cadeias de fornecimento para mitigar o aquecimento global. Esse é o desafio do século e as empresas líderes de seus setores têm a obrigação de incentivar suas cadeias para uma mudança urgente de atitude.

Sabe-se que esse movimento ainda é tímido na América Latina e em especial no Brasil, mas isso precisa mudar. Na construção civil, a MRV, empresa do grupo MRV&CO, pelo quarto ano consecutivo, figura no topo da lista das empresas que mais engajam seus fornecedores em relação a medidas sustentáveis. A companhia recebeu avaliação A – na Supplier Engagement Rating (SER) – classificação elaborada pelo Carbon Disclosure Project (CDP) para medir o desempenho das empresas em ações de governança, metas ambientais, emissões de gases de efeito estufa (Escopo 3) e estímulo de suas cadeias de valor em favor de uma economia de baixo carbono.

Essa avaliação anual é feita com base na análise de questionários respondidos por mais de 11.400 fornecedores de diversas empresas e países. As informações coletadas alimentam o sistema de divulgação global, operado pelo CDP, que permite a medição e o



Ações e soluções envolvendo a utilização de energia fotovoltaica.

gerenciamento de riscos vinculados aos temas clima, água e florestas. Com esses dados, a organização internacional promove ações e programas que auxiliam as companhias a mitigarem os impactos gerados por suas atividades.

No caso da MRV, desde 2017 a companhia integra o Programa CDP Supply Chain, que incentiva a reflexão e o reporte das informações e estratégias de seus fornecedores em temas que envolvem mudanças climáticas. A cada ano, em média, a empresa negocia cerca de R\$ 1,5 bilhão em compras de insumos, levando em conta critérios pautados pela sustentabilidade. O objetivo principal é se aprofundar nas ações de sustentabilidade, governança, riscos, oportunidades e no impacto que seus fornecedores apresentam nos temas dos questionários.

“A MRV é a primeira construtora da América Latina a se comprometer com a redução das emissões de gases de efeito estufa (GEE) baseadas na ciência (SBTi) até 2030. Por isso, é essencial mobilizar nossa cadeia de fornecedores e também construir indicadores confiáveis que sirvam de ferramenta para tomada de decisões e desenvolvimento de estratégias de mercado. Nesse contexto, o apoio do CDP tem sido essencial”, explica Eduardo Fischer, CEO da MRV e também um dos líderes de ImPacto da Rede Brasil do Pacto Global e embaixador do ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis.

Hoje, 97% das emissões da MRV são provenientes de sua cadeia de suprimentos e estão concentradas, sobretudo, nos fornecedores de cimento, aço e concreto. Diante desse cenário, o engajamento e o alinhamento com os parceiros são importantes para o alcance dos objetivos firmados.

“Ainda em 2017, unimos forças com o CDP e os nossos times de sustentabilidade e suprimentos para definirmos métricas e estratégias com vistas a um melhor desempenho e maior transparência das iniciativas da nossa cadeia, seguindo uma estratégia de avanços contínuos.

Os resultados têm sido melhores a cada ano, desde a seleção mais adequada dos fornecedores convidados até a qualidade e o volume de reporte dos últimos anos”, destacou o CEO, que finaliza: “Não há outro caminho a não ser investir cada vez mais em iniciativas sustentáveis. E nossa meta é levar toda a nossa cadeia de fornecedores a fazer o mesmo”.





A sustentabilidade e a inovação são valores importantes que movem o Grupo Patrimar desde o início da empresa. Diante disso, a construtora e incorporadora anuncia a capacitação pelo Centro de Tecnologia e Edificações (CTE) – o que garante qualidade, tecnologia, gestão, sustentabilidade e inovação para o setor da construção – e a implantação de diretrizes na atuação sustentável.

Depois da concepção do selo Sempre Verde – métrica interna que mensura a sustentabilidade de cada empreendimento das marcas Patrimar e Novolar –, a companhia segue investindo em qualificação para intensificar o plano de ação nas frentes ESG, área que agora possui comitê e logotipo próprios.

“A sociedade está a cada dia mais consciente de sua responsabilidade perante os recursos naturais, além de exigente com os produtos que consome. Já atuamos nas três frentes ESG, mas entendemos que é possível fazer mais. É nessa direção que estamos agora”, explica Alex Veiga, CEO do Grupo Patrimar.



PARQUE MUNICIPAL AMÉRICO RENNÉ GIANNETTI

O Grupo Patrimar adotou o entorno da Lagoa dos Barcos e a Ilha dos Amores do Parque Municipal Américo Renê Giannetti. O objetivo foi recuperar e fazer a manutenção paisagística dos jardins do entorno desses locais.



INICIATIVAS SUSTENTÁVEIS JÁ IMPLEMENTADAS

Em relação à preservação do meio ambiente, a companhia já atua com gestão de resíduos em todas as obras; coleta seletiva nos escritórios e empreendimentos; energias alternativas e reaproveitamento da água nos canteiros de obra e empreendimentos, entre outras.

No âmbito social, as ações vão desde diretrizes de boas relações com a vizinhança, ampliação dos benefícios dos colaboradores e programa de participação nos lucros até campanhas solidárias nas comunidades, parceria com a ONG TETO e ajuda ao Hospital da Baleia. Além disso, a empresa organiza uma campanha do agasalho anual, que ocorre na sede em Belo Horizonte e também no Rio de Janeiro.

No quesito corporativo, o Grupo faz o mapeamento dos riscos estratégicos; criou o Conselho Administrativo e Comitês de Gente e Sustentabilidade / Auditoria, Compliance e Riscos; promove a capacitação de colaboradores sobre os temas integridade, prevenção e combate à corrupção; qualifica empregados e contratados sobre o conteúdo do código e LGPD; estabeleceu mecanismos de denúncia que garante o anonimato do denunciante – Canal Confidencial (gerenciado por terceiro), e muito mais.

Entre as iniciativas sustentáveis dos empreendimentos, estão placas fotovoltaicas que produzem energia elétrica de maneira segura, limpa e com custo mais baixo; pontos de recarga para carro elétrico; bicicletas e patinetes elétricos e carros compartilhados, contribuindo para a mobilidade mais saudável, o trânsito melhor e a diminuição

da poluição; lixeiras adequadas para coleta seletiva e recipientes para descarte exclusivo de baterias, pilhas e óleo; horta urbana nos rooftops das torres para o cultivo de alimentos, que podem ser distribuídos aos moradores que fazem questão de uma alimentação mais saudável e sem agrotóxicos.

Além disso, o Grupo Patrimar participa de um consórcio de empresas que se beneficiam da redução do custo de energia elétrica (até 20% menor), baseando-se na geração de energia limpa. O melhor de tudo é que não há investimento para instalação ou obras. A energia é gerada em usinas fotovoltaicas implantadas no interior de MG, em parceria com a SIM, empresa de soluções em energia da Cemig. Empresas com consumo mensal acima de 500 kWh podem aderir ao projeto de geração de energia solar compartilhada. O projeto reduz a emissão de CO₂ na atmosfera e contribui na sustentabilidade do planeta.





A Perplan se preocupa em deixar um legado para a sociedade. Por isso, atua para impulsionar a inovação e a sustentabilidade, agindo com coerência entre discursos e ações, com o compromisso de liderança e transparência.

PRINCÍPIOS AMBIENTAIS

Respeito ao ambiente em que vivemos é um dos valores da Perplan. Além de um planejamento cuidadoso e atenta aos detalhes técnicos que assume com responsabilidade, a empresa desenvolve projetos capazes de controlar os impactos ambientais de modo sustentável, sem interferir no equilíbrio ambiental nem comprometer a qualidade de vida das pessoas, hoje e amanhã.

Pensando nisso, a Perplan realiza projetos ambiental e socialmente amigáveis; doa aos órgãos públicos obras de infraestrutura executadas; tem relacionamento permanente com órgãos ambientais e de preservação cultural, atendendo às demandas; e busca desenvolver empreendimentos com qualidade por meio da melhoria contínua dos seus processos, da otimização de custos e da sustentabilidade nos canteiros de obra.



Perplan instala ponto de recarga elétrica no seu espaço de negócios.

Os projetos e interiores da Perplan também possibilitam a integração com a natureza. “Áreas mais arborizadas oferecem temperaturas mais amenas, pois as plantas auxiliam no equilíbrio do microclima, ou seja, proporcionam considerável melhoria e estabilidade microclimática”, resalta Breno César de Almeida, psicólogo do Espaço Viver Bem, da Unimed Ribeirão Preto.

Gabriela Oliveira, coordenadora de Urbanização da Perplan, afirma que os ambientes verdes têm papel importante no aspecto climático. “Quanto mais próximo da natureza, mais agradável é a temperatura. Um espaço verde pode proporcionar de 2°C a 3°C a menos comparado a um centro urbano, além de melhorar a qualidade do ar”, completa.

Espaços com plantas também tornam as pessoas mais produtivas. Segundo estudo realizado pela Universidade de Melbourne, em 2015, e publicado no *Journal of Environmental Psychology*, observar a natureza por 40 segundos relaxa a mente e aumenta a produtividade, além de auxiliar na concentração. “Esse contato com o verde também proporciona menos estresse e diminui riscos de morbidades psiquiátricas”, explica Almeida.

Ambientes verdes promovem, ainda, maior convívio social. Parques e praças se mostram locais ideais para prática de exercícios físicos. “Aproveitar o espaço e diminuir o impacto ambiental faz parte do planejamento da Perplan em todos os empreendimentos, desde a topografia até aproveitar um fragmento arbóreo. Entendemos que esses locais estão entre os principais responsáveis por trazer conforto ao ambiente”, destaca Gabriela Oliveira.

Além disso, o padrão de qualidade Perplan busca atender aos critérios de sustentabilidade, seja durante as obras, seja na eficiência dos projetos após a entrega. O comprometimento com os processos de qualidade é uma política que demonstra que a empresa se preocupa de maneira ampla em mitigar os impactos que o seu negócio possa causar, entregando produtos com alto nível de qualidade. A Perplan é certificada com o ISO 9.001 (Sistema de Gestão da Qualidade), o PBQP-h - (Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade) e o SiAC Nível

A (Sistema de Avaliação da Conformidade de Empresas de Serviços e Obras). Os projetos atendem aos requisitos da NBR 15.575 – a Norma de Desempenho da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Essas são algumas das ações sustentáveis que a Perplan preza em seus projetos:



Futuro projeto da Perplan – citado no Monolito – com previsão de vegetação nas varandas.

- projetos ambiental e socialmente amigáveis;
- execução de obras de saneamento, abastecimento de água e energia, drenagem urbana e vias de circulação doadas aos órgãos públicos ou concessionárias;
- relacionamento permanente com órgãos ambientais e de preservação cultural atendendo a toda a legislação, e recuperações ambientais;
- administração correta e segura de resíduos e entulhos gerados nos canteiros de obras.

MISSÃO SOCIAL

A empresa cuida dos relacionamentos humanos e os desenvolve entre seus colaboradores e em consonância com os investimentos sociais realizados.

Certificada pelo GPTW, a Perplan se prepara ano a ano com novos projetos para aumentar o grau de satisfação de suas equipes. Com base no resultado das pesquisas aplicadas, a Perplan já implantou diversos



Perplan doa bicicletas para crianças da Casa das Mangueiras.

projetos e políticas voltados ao bem-estar e desenvolvimento dos colaboradores, como o Perplan do Amanhã, jornada flexível, day off de aniversário e, a cada trimestre, novas ações de endomarketing, cursos de qualificação profissional e a Universidade Perplan, na qual os próprios colaboradores são estimulados a ministrarem aulas in company, além de uma grade com conceituados palestrantes profissionais.

Para a comunidade, a Perplan já participou, inclusive liderando, de diversas iniciativas sociais voltadas às entidades sem fins lucrativos. Ações de relacionamento com a vizinhança das obras também demonstram a preocupação da Perplan com a comunidade.

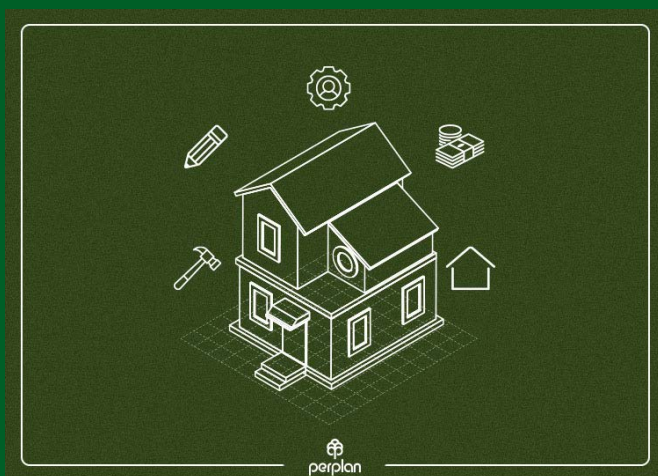
GOVERNANÇA

A boa governança assegura que a empresa faça investimentos certos, tenha metas e estabeleça práticas sustentáveis de gestão, políticas e códigos de conduta, com plena consciência sobre o seu papel como empregadora e agente social.

A Perplan segue um dos modelos mais modernos e eficazes em termos de governança corporativa: o do IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa). A empresa também implantou código de conduta, regras de compliance e o portal de governança corporativa.

Ao longo de seus 22 anos, a Perplan se consolidou como forte player do mercado imobiliário. Dando mais um importante passo nessa trajetória, e visando a estabelecer parcerias e aquisição de novas áreas, a companhia está se especializando em fazer sociedades em negócios.

Já concretizou acordos com a maior administradora de shopping centers do Brasil, a Aliansce Sonae; com a plataforma de investimentos da Votorantim S.A., a Altre; e especialistas em desenvolvimento imobiliário, como Guestier e Tenerife, além da Fundação Oscar Americano, entre outras. Urbanização e incorporação: esses dois setores contam com a atuação consistente da Perplan, que celebra o fato de importantes empresas a terem escolhido e mostrarem que confiam na alta qualidade de seus produtos.



Perplan apresenta o novo conceito de construção BIM.



“Temas relacionados à governança ambiental, social e corporativa sempre estiveram presentes de alguma forma na rotina da Perplan, antes mesmo de políticas e preocupações ESG estarem em evidência no mundo corporativo. Uma necessária mudança de mindset, o que temos feito ao longo de nossos quase 22 anos de mercado, não acontece de uma hora para a outra, mas procuramos sempre estar atentos. Temos investido bastante em projetos e formação de pessoal, como uma maneira de possibilitar e incentivar o engajamento em causas e posturas que façam, realmente, diferença positiva na sociedade. O processo de governança corporativa vem sendo implantado há cinco anos e, no âmbito dos grupos de trabalho, os pilares ESG são naturalmente discutidos e incentivados pelo Conselho de Acionistas e pela Diretoria, o que reforça essa cultura na empresa como um todo.”



Ricardo Telles, diretor-presidente da Perplan.



A Construtora Planeta recebeu o selo de certificação socioambiental concedido pela Caixa Econômica Federal aos empreendimentos habitacionais que adotam soluções eficientes e visam às ações de sustentabilidade e de cuidado com o meio ambiente. A empresa é a primeira na região de Sorocaba (SP) a receber a certificação.

O empreendimento La Vista Moncayo tem o Selo Casa Azul - Ouro, concedido para empresas com obras que promovem o uso racional de recursos naturais, pensam na melhoria da qualidade da habitação e contribuem para a região, assim como para a vida dos moradores ao redor do empreendimento.

A empresa foi ganhadora da categoria Replicabilidade na 2ª edição do Prêmio Produtividade Do Mesmo Lado, realizada em 2021, pela criação de um sistema de gestão da qualidade na redução de custos pós-obras.

O setor da Qualidade contou com a ajuda e o engajamento da equipe interna de Obras, Suprimentos, Planejamento, Custos, Recursos Humanos e Assistência Técnica para a implementação do Sistema de

Gestão da Qualidade. Foi necessária a contratação de ferramentas tecnológicas para controle de execução de serviço de obra e acompanhamento de qualidade, controle de materiais, monitoramento, qualificação e avaliação dos terceiros e fornecedores, definição dos processos internos para os setores envolvidos na construção dos empreendimentos, sistemática de treinamentos internos para colaboradores próprios e terceiros, e outros pontos.

Dentre as soluções sustentáveis implementadas nos empreendimentos da construtora, destacam-se a gestão de resíduos durante todo o ciclo da construção, a energia solar fotovoltaica, os pontos de recarga para bicicleta e automóvel elétricos, o reúso de água pluvial para irrigação e lavagem nas áreas comuns.

Na área social, a Planeta é parceira do programa Peax – Parceiros para a Excelência –, da Fundação Dom Cabral, para empresas que buscam melhorar seus resultados e ampliar a sua competitividade por meio de um modelo de gestão com a implementação de ferramentas gerenciais e estratégicas, e o intercâmbio de experiências e conhecimento.

Alinhada com as melhores iniciativas de governança corporativa, a construtora realiza a contratação de profissionais de alto escalão para a composição dessa diretoria, além de conselheiros consultivos independentes.



Inaugurada em julho de 2019, a usina solar fotovoltaica da Construtora Planeta foi a primeira de Sorocaba a contar com estação para carregamento de carro elétrico que utiliza energia limpa. A energia gerada abastece todos os escritórios e plantões de venda da empresa e proporciona:

- geração de 141.50 kWh por dia de energia solar;
- geração de energia anual estimada em 86.000 kWh, o equivalente ao consumo de 30 residências.





Criada em São Paulo, em 1997, a Plano&Plano tem o objetivo de prestar serviços de engenharia e construção para o segmento de alto padrão. Hoje figura entre as maiores construtoras e incorporadoras do Brasil, e está presente em mais de 15 cidades.

Após a abertura de capital em setembro de 2020, e sendo a 150ª empresa a integrar o Novo Mercado da B3, a Plano&Plano avançou e fortaleceu sua governança e compromissos de ESG com plano estruturado de ações e metas de longo prazo, progredindo a cada dia na sustentabilidade corporativa, no relacionamento com os stakeholders e nas melhorias comunitárias.



Certificada em 2021 como um excelente lugar para trabalhar, pela pesquisa da consultoria Great Place to Work (GPTW), a companhia deu seu passo entre as empresas de capital aberto, ratificando sua solidez no segmento de construção civil e seu compromisso com o meio ambiente e as pessoas.

No processo de certificação, que aconteceu durante os meses de março e abril de 2021, a construtora, ao lado da consultoria internacional GPTW, ouviu seus colaboradores para identificar fortalezas e pontos de aprimoramento. Os próximos passos incluem o trabalho interno de fortalecimento da atração de talentos e de sua marca empregadora, com foco em uma cultura de confiança, alto desempenho e inovação.





Criada em 1979, a Setin construía casas populares. Em 1985, passou a investir em residenciais de médio e alto padrão em São Paulo (SP). Depois de doze anos, fechou parceria com a Accor, introduzindo a hotelaria no Brasil. Em 2004, lançou o Mundo Apto, primeiro condomínio do Brasil a incorporar o reúso de água, e se tornou a incorporadora precursora na América Latina a obter a certificação ambiental ISO 14.001. Em 2018, atingiu a marca de 100 projetos lançados.

Com iniciativas que integram os pilares de ESG já há alguns anos, a Setin está reforçando o compromisso com ações de impacto social, ambiental e de governança. A empresa criou, em outubro de 2020, o Comitê de ESG com o objetivo de avaliar a exposição a riscos, gerenciá-los e implementar políticas de mitigação, assim como desenhar práticas sustentáveis, que foram implantadas a partir de 2021.

A companhia teve um de seus prédios certificados em quesitos de sustentabilidade. O Aeté Jardim Paulista recebeu o selo internacional Edge (excelência em design para maior eficiência, na sigla em inglês), que reconhece empreendimentos



imobiliários tendo em vista a eficiência energética da obra, o consumo de água e a redução de energia incorporada aos materiais.

Além disso, a Setin adota padrões ambientais em suas obras, como o reúso de águas pluviais para irrigação de jardim, a instalação de luminárias com sensores de presença e os arejadores de torneira para reduzir o consumo hídrico. E, em vez de construir paredes internas de um apartamento em bloco, onde será consumida mais água para fazer o cimento e gerar mais resíduos, a Setin opta por paredes internas de drywall em 99,9% dos empreendimentos.





Criado em 2017, o Programa de Sustentabilidade da Tegra alinha estrategicamente as práticas ESG com o negócio da incorporadora. Todos os lançamentos da companhia seguem premissas construtivas baseadas nessa política, que preza pelo monitoramento operacional e pela transparência na relação com os stakeholders. Reconhecida como Empreendedor AQUA, a Tegra certifica desde 2021 todos os seus lançamentos com o selo internacional AQUA-HQE, que reconhece a alta eficiência ambiental dos projetos, e divulga as práticas ESG em um relatório de sustentabilidade organizado nos padrões GRI - Gerenciamento de Riscos.

A Tegra estabeleceu metas de redução de impacto operacional vinculadas ao desempenho de seus executivos. A companhia realiza auditorias trimestrais em suas obras para avaliar essas metas e divulga os dados – em painéis socioambientais instalados nos tapumes de obra – sobre emissões de carbono, consumo de água e energia, reaproveitamento de materiais, treinamentos e empregos gerados.



Dados consolidados de 2021

- Emissões: 43.692,47 toneladas (t)
- Água: 83.590,44 m³
- Energia: 2.588.772,17 kWh
- Materiais reciclados: 97,19% do total gerado
- Empregos gerados: 1.014
- Horas de treinamento: 9.348,31

Em 2022, a Tegra Incorporadora dá um passo adiante no compromisso socioambiental de seu negócio com o lançamento da Agenda 2030, alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e chamada Cidades Regenerativas, que conta com quatro pilares, detalhados a seguir.

GERAR IMPACTO POSITIVO NA SOCIEDADE

Valorizar as pessoas e promover uma agenda positiva na sociedade são diretrizes para o negócio da Tegra. A empresa é signatária do ONU Mulheres e realiza uma série de ações para fomentar a presença feminina nos canteiros de obra. Uma das iniciativas é um programa de capacitação, inclusão e empregabilidade de mulheres refugiadas na construção civil, lançado em março de 2022 em parceria com o Senai e a ONG Aldeias Infantis SOS Brasil. Dezesesseis venezuelanas selecionadas para a primeira turma desse programa receberam formação em elétrica e terão a oportunidade de integrar o corpo de funcionários da Tegra após o período de aulas, totalmente custeado pela empresa.

No relacionamento com a comunidade, a companhia realiza o programa Gentilezas Urbanas, que investiu mais de R\$ 2,7 milhões na adoção e na recuperação de espaços públicos. Além disso, a Tegra promove gratuitamente atividades socioculturais na Casa Tegra, em São Paulo, espaço dedicado a discussões e encontros sobre arquitetura, cidade e qualidade de vida. Até 2030, a empresa tem como meta impactar positivamente 2,4 milhões de pessoas por meio de práticas sociais, educação, cultura, capacitação, voluntariado e filantropia.



ZERAR O BALANÇO LÍQUIDO DE EMISSÕES

A companhia já compensa 100% das emissões de carbono de suas obras desde 2019 nos escopos 1, 2 e 3, que considera também o impacto dos fornecedores da cadeia de construção. Nos próximos anos, a Tegra tem como meta reduzir em 50% as emissões diretas (escopo 1 e 2), influenciar a redução de 15% das emissões indiretas (escopo 3) e compensar 110% do residual.

Esse resultado será alcançado por meio de uma matriz energética 100% renovável, da redução do consumo de energia por metro quadrado, da diminuição de emissões nas obras, da redução de emissões nos escritórios e stands, do menor consumo de água, da política de compras e avaliação de fornecedores e da compensação do residual das emissões de carbono.

PROMOVER NEGÓCIOS TRANSPARENTES

Entre suas ações de governança corporativa, a Tegra adota um rígido due diligence no relacionamento com stakeholders e conta com políticas de compliance e anticorrupção.

A empresa, que figura entre as companhias abertas na B3, também demonstra resultados financeiros trimestralmente, e seu relatório anual de sustentabilidade é organizado de acordo com o padrão GRI e auditado por uma consultoria internacional desde 2019, trazendo informações que podem ser apreciadas por investidores e analistas do mundo inteiro. A distribuição de valor financeiro e social acima da média setorial é uma meta para os próximos anos na incorporadora.

IMPULSIONAR A ECONOMIA CIRCULAR

A Tegra já tem como meta reaproveitar 85% de todos os resíduos sólidos gerados em suas obras e tem conseguido superar essa baliza. Em 2021, o percentual de materiais reciclados na operação chegou a 97,19%, graças a medidas como a adoção de materiais reaproveitáveis, a coleta seletiva e a logística reversa em parceria com fornecedores. Uma das iniciativas de destaque é o uso de ecotapumes de plástico reciclado nos canteiros de obra, capazes de múltiplas utilizações. Até 2030, a companhia

vai investir R\$ 30 milhões em inovação, aumentando em 15% o uso de materiais de fontes renováveis. Esse trabalho envolve projetos em colaboração com startups, o apoio a práticas acadêmicas, além do desenvolvimento de programas e de projetos de economia circular.





Cada vez mais o conceito ESG e o tema da sustentabilidade consolidam sua importância na pauta das empresas e investimentos, principalmente em construtoras, que até bem pouco tempo atrás era um dos setores que mais produziam resíduos em seus processos. Algumas empresas estão fazendo a lição de casa e começam a colher os frutos de todo o cuidado aplicado ao longo dos últimos anos nos canteiros de obras, nos empreendimentos e em suas cadeias produtivas. Esse é o caso da construtora Trisul, que há mais de 40 anos atua no setor da construção civil de São Paulo.

O mercado financeiro tem sido impactado pelo interesse cada vez maior dos investidores em alocar seus recursos em ações de empresas que adotam práticas de responsabilidade ambiental, social e de governança. São investimentos hoje considerados referências no que diz respeito à solidez, resiliência e redução de custos.

O termo ESG é de suma importância para direcionar o investidor à realização de um negócio responsável, que auxilia a entender e analisar aspectos relacionados a meio ambiente, direitos humanos e trabalhistas, impactos na comunidade e no público, medição do nível de governança, entre outros.

“As empresas comprometidas com os valores ESG estão em sintonia com o futuro. É algo imperativo, não opcional. As empresas que fugirem dessa responsabilidade estarão em profunda dissonância em relação ao mercado e aos anseios da sociedade”, afirma Michel Christensen, diretor de RI da Trisul,



Com mais de 40 anos no mercado mobiliário e na B3 desde 2007, a Trisul foi uma das primeiras construtoras a se enquadrar nos parâmetros ESG e agora passa a fazer parte do Grupo de Capacitação de Empresas do Setor da Construção em ESG, por meio do Centro de Tecnologia de Edificações (CTE).

“Esse é um passo que, com toda a certeza, somará ainda mais qualidade e eficácia na implementação das práticas ESG em nossa companhia”, ressalta Christensen. O objetivo é tornar a empresa protagonista nessas práticas de responsabilidade ambiental, social e de governança.

Além disso, adotar tais critérios favorece a eficiência da companhia, com redução de custos, minimização de intervenções legais, aumento de produtividade, maior engajamento dos colaboradores e otimização dos investimentos em bens de capital. “Com isso, geramos valor para a companhia a médio e longo prazo”, explica.

LINHA DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO VERDE

Por suas ações focadas em sustentabilidade, muitas originadas do Programa de Sustentabilidade das Obras (PSO), a Trisul é uma construtora contemplada com a Linha de Crédito Imobiliário Verde, iniciativa do banco Itaú BBA, voltada a edificações sustentáveis.

Entre as práticas, figuram a destinação correta de latas de tintas, o uso de agregado reciclado, a utilização de água de reúso para limpeza das obras, a compra de materiais com menor impacto ambiental, o controle de ruído, as ações sociais direcionadas a comunidades do entorno das obras, a educação ambiental e o terreno sustentável.

Com isso, a empresa integra o plano Empresário Verde do Itaú BBA, resultado de uma parceria do Banco Itaú com a International Finance Corporation (IFC), que consiste em oferecer condições especiais de financiamento aos empreendimentos que atingirem economias de pelo menos 20% em água, energia e energia embutida em materiais. O plano envolve também a capacitação técnica para incorporadoras imobiliárias clientes do banco e serviços de consultoria para identificação de oportunidades no mercado de edifícios sustentáveis.

Durante as obras, são realizadas quatro verificações para garantir que tudo está de acordo com os requisitos do Empresário Verde. Após a averiguação de que as normas estão sendo devidamente cumpridas é que a redução da taxa de financiamento é garantida – o objetivo é checar se o canteiro de obras está operando conforme as condições predeterminadas para alcançar a certificação final, o que assegura o benefício da taxa. Todas essas ações possibilitam cada vez mais a expansão dessa parceria, trazendo benefícios em novas obras.

“Nossa meta é reciclar 100% dos resíduos de obra. Também promovemos a destinação correta de lâmpadas queimadas, fazemos a proteção de árvores da calçada, utilizamos redutores de vazão, realizamos a coleta seletiva com a comunidade e temos parcerias com cooperativas”, diz Roberto Pastor Junior, diretor técnico responsável pelas obras da Trisul.

CERTIFICAÇÕES

A certificação EDGE, uma inovação da IFC, tem como base um software que fornece soluções técnicas para adaptar o projeto do empreendimento a uma construção verde, com resultados ambientais e financeiros. Quando concluídas as etapas de verificações, os imóveis poderão utilizar uma placa de obra diferenciada, indicando que se trata de um empreendimento green building.

O Itaú BBA é a primeira instituição financeira do Brasil a receber os serviços de consultoria da IFC para construções ecoeficientes. Essa parceria está alinhada aos Compromissos de Impacto Positivo do Itaú Unibanco, mais especificamente ao compromisso de Financiamento de Setores de Impacto, uma vez que oferece um produto financeiro que direciona todo o setor para melhores práticas. Há mais de 10 anos a Trisul vem investindo em novas tecnologias e em processos sustentáveis, o que facilitou essa parceria pioneira com o Itaú BBA.

A construtora já possui o selo AQUA de economia de água e o selo Procel de eficiência energética. A construtora conta com sistema on-line de gerenciamento de dados para acompanhamento e geração de indicadores econômico-ambientais do uso racional da

água, da energia e da gestão de resíduos em seus canteiros de obra. O investimento em edifícios verdes tem importante papel para estimular o crescimento da economia de baixo carbono e assegurar a transição para energia limpa. Ele representa uma das maiores oportunidades de investimento na próxima década – US\$ 24,7 trilhões em cidades de mercado emergente até 2030, segundo estudos globais da IFC.



- Crédito Verde – Oscar Itaim
- Selo Procel de edificações – Oscar Ibirapuera (1º edifício do Brasil com selo Procel)
- Selo AQUA – Axis e Domy



ESG

MERCADO IMOBILIÁRIO E INVESTIMENTOS

A INFLUÊNCIA DO ESG EM INVESTIMENTOS NO MERCADO IMOBILIÁRIO

Ao pensar no mercado imobiliário, a preocupação com o fator ambiental é o mais rapidamente relacionado aos termos de ESG. Porém, a preocupação com os critérios sociais e de governança têm sido recorrentes ao tratar e estruturar as operações de financiamento para o mercado imobiliário, e influenciam na adesão de boas práticas no campo corporativo e no desenvolvimento de políticas socioeconômicas.

O acesso à moradia e a securitização imobiliária são outros dois fatores importantes para o mercado imobiliário e se encaixam às premissas ESG. Há hoje o déficit habitacional de 11,8 milhões de domicílios para os brasileiros. O setor tornou-se responsável, junto das entidades da cadeia produtiva, por levar propostas aos órgãos governamentais competentes de modo a tentarem diminuir esse número.

As práticas ESG vêm ganhando cada vez mais espaço no mercado financeiro. Segundo dados de pesquisa realizada pela revista Exame, 72% das empresas respondentes acham que medidas de ESG têm impacto direto nos resultados financeiros das organizações.

Os principais índices ESG – Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), Índice Carbono Eficiente (ICO₂) e S&P/B3 Brasil ESG – são muito importantes para estimular as empresas a avançarem com suas práticas em ESG e para o investidor que busca por ativos e empresas sustentáveis.

A pesquisa Retrato da Sustentabilidade no Mercado de Capitais, da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), realizada em janeiro de 2022 com 265 instituições financeiras, apontou que, para 87% delas, o tema sustentabilidade ganhou mais relevância nos últimos 12 meses. O patrimônio líquido dos fundos na categoria sustentabilidade e governança foi de R\$ 1,07 bilhão, quase o dobro em relação a 2020. E a captação líquida foi de R\$ 307, 9 milhões no primeiro bimestre, equivalente a 787% a mais.

Tornou-se uma convicção que as práticas ESG aumentam o potencial de retorno e reduzem o risco do investimento.

COMPROMISSO E CARTEIRA **ESG** DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS





O Banco do Brasil tem o projeto Seleção BB ESG, com o objetivo de indicar aos clientes as ações das empresas que estejam mais alinhadas com as melhores práticas ambientais, sociais e de governança corporativa.

Seguindo os princípios de responsabilidade social e ambiental adotados pelo Banco do Brasil desde novembro de 2010, a BB Gestão de Recursos – Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A. – é signatária dos Princípios para o Investimento Responsável (PRI, na sigla em inglês), iniciativa de investidores globais apoiada pelas Nações Unidas, propondo-se a aplicar em seus processos de gestão práticas que favoreçam a integração de temas ambientais, sociais e de governança corporativa em suas análises e decisões de investimento.

A BB DTVM desenvolveu metodologia própria de avaliação de crédito e de ações de empresas, por meio da qual incorpora critérios de avaliação de ativos com base nos pilares de desempenho econômico-financeiro, governança corporativa e aspectos ambientais e sociais.



O Bradesco comunicou em 2021 que iria direcionar R\$ 250 bilhões para financiar setores e ativos de impacto positivo na sociedade e no meio ambiente. A meta é atingir o valor até 2025.

É o maior compromisso ESG dos bancos brasileiros anunciado até o momento. O empenho vem de longa data: os aspectos ESG na estratégia de atuação da organização existem desde a criação do Bradesco. No entanto, com o intuito de responder às crescentes demandas dessa agenda, o banco estruturou uma governança robusta e no nível de seu conselho de administração.



Alinhado ao compromisso da Caixa com o desenvolvimento do Brasil, o Fundo Socioambiental Caixa (FSA Caixa), criado em 2010, aplica recursos da empresa para apoiar projetos e investimentos de caráter socioambiental com foco na população de baixa renda.

Os recursos que constituem o Fundo Socioambiental Caixa são provenientes do lucro líquido anual da Caixa, limitados a 2%, definidos em um Plano de Aplicação aprovado pela direção da empresa. O acesso aos recursos do FSA Caixa se dá mediante a seleção de propostas de projeto apresentadas, conforme o Plano de Aplicação vigente e de acordo com as modalidades:

- seleção pública: projetos selecionados a partir de critérios divulgados em editais específicos;
- apoio a políticas internas: projetos estratégicos propostos por entidades externas, doadores ou repassadores de recursos ao FSA Caixa, também enquadrados nos eixos de atuação e nas linhas temáticas definidas no Plano de Aplicação;
- incentivo financeiro a negócios sustentáveis: busca fortalecer a oferta de crédito com condições diferenciadas para promover soluções que possuam adicionalidades socioambientais.



No final de 2021, o Itaú Unibanco lançou a sua primeira carteira recomendada ESG. Como diferencial, o portfólio não conta apenas com recomendações em renda variável, mas em ativos de renda fixa atrelados à sustentabilidade.

No total, são oito carteiras: duas para cada perfil de risco (conservador, moderado, arrojado e agressivo), em uma versão para investidores comuns e outra para qualificados.



O Grupo Santander atua desde 2008 na gestão de fundos ESG. São signatários do PRI (da sigla em inglês de Princípios para Investimentos Responsáveis), iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) para nortear o mercado financeiro e de capitais na busca pelo desenvolvimento sustentável, por meio da incorporação de aspectos ESG na tomada de decisão de investimentos. Entre 2011 e 2015, também foi membro do PRI Advisory Council.

Em 2017, tornou-se signatário do Código AMEC de Princípios e Deveres dos Investidores Institucionais – Stewardship, reforçando o compromisso com a incorporação ESG nos investimentos responsáveis e sustentáveis, além de signatário global do PRI desde julho de 2020.

O QUE DIZEM OS GRANDES NOMES DO SETOR

[ARTIGOS]

SÉCULO DA SUSTENTABILIDADE

Por Lívio Giosa*

O mundo vive momentos de erupção e os dados são relevantes. Projeta-se o aumento da natalidade em 9 bilhões de habitantes para 2030, com 84,7% desses morando nas cidades, além do uso intensivo de tecnologia pela maioria absoluta da população, querendo externar suas opiniões e questionando o modelo de gerenciamento urbano atual.

É disrupção na veia, impactando o dia a dia dos municípios e rompendo com paradigmas há muito presentes na vida das pessoas.

Para aqueles que gostam de fazer projeções e colocar o pensamento para os próximos 20 ou 30 anos, os sintomas são os mais perversos. Saudabilidade, bem-estar, sustentabilidade, produtividade alimentar e cidadania participativa serão colocados à prova nesse momento de grandes questionamentos.

Na verdade, a humanidade passa por um período de paradoxos iminentes. Enquanto os países em desenvolvimento “despejam” milhões de novos consumidores impactando o meio ambiente, os países desenvolvidos “lutam” para proteger a Amazônia!

Do ponto de vista da sustentabilidade, essa situação é insustentável... Por outro lado, nosso entendimento sinaliza que, neste século

e diante das inquietações universais, a percepção é de que serão os municípios os grandes agentes de transformação do modus vivendi que perdurou por tantos anos no mundo.

Neles, ocorrerão o entendimento e a multiplicação das novas iniciativas e boas práticas de convivência entre as pessoas. Para tanto, tecnologia e sustentabilidade deverão ser os grandes pilares de projeção dessa nova articulação universal em prol do bem-estar da humanidade.

Considerando essas premissas, pode-se afirmar, com todas as letras, que essa tendência já é realidade em várias cidades. E os exemplos são claros e perceptíveis. Nos últimos 30 anos, houve uma aceleração na “interiorização” do desenvolvimento no Brasil. Muitas empresas saíram das grandes capitais para se instalarem no interior dos Estados, bem como outras companhias, principalmente as internacionais, escolheram municípios pequenos ou médios para construir suas plantas.

Essas organizações, agora, fazem coro às mudanças climáticas, incentivando a aplicação do desenvolvimento sustentável sob o foco da implementação dos fatores ESG.

Essas dimensões acabam influenciando sobremaneira as cidades para se voltarem às

boas práticas sustentáveis, colaborando com o País no atingimento das metas de redução das emissões de carbono, agora reafirmadas na COP26 em Glasgow.

Assim, em muitas regiões do Brasil, a alta tecnologia a serviço da melhoria da vida do cidadão está disponível, desde o atendimento à saúde até o desenvolvimento e o controle da segurança incrementando os princípios das smart cities – ou cidades inteligentes –, que se preparam para formatarem um futuro sustentável. Eficiência energética, uso racional da água, mobilidade e destino dos resíduos passam a ter prioridade na gestão das cidades, além da educação ambiental permanente. Aumentar o plantio de árvores, formando bosques urbanos, é uma das necessidades imediatas e contínuas a serem desencadeadas nas metrópoles.

Não é à toa que Klaus Schwab, presidente do Fórum Econômico Global, conclamou as empresas, na abertura do Fórum em 2020, a plantarem 1 trilhão de árvores! Isso impactará diretamente o cidadão e tende a minimizar os efeitos das emissões de carbono.

Caberá aos gestores públicos terem a percepção sobre essas questões e o entendimento sobre as expectativas que a população tem sobre esse novo modelo.

Acelerar as decisões, inovar as práticas, estar sensível às questões ambientais e inspirar as pessoas para um posicionamento

empoderado de cidadania colaborativa são tarefas inerentes e irrefutáveis dos dirigentes públicos responsáveis por essa ruptura na governança. Temos bons motivos para acreditarmos que isso é possível. Sociedade atenta e com vontade de participar merece ser correspondida nas suas expectativas.

São os municípios que acolhem as empresas, as entidades do terceiro setor e o poder público local, dialogando diretamente com os cidadãos.

Especialmente as empresas são as mais sensíveis às questões da sustentabilidade e, normalmente, à frente no emprego de soluções que repliquem as boas práticas voltadas à inclusão social e ao equilíbrio ambiental.

Pesquisa divulgada este ano pela consultoria Deloitte, intitulada Cinco Pilares de Riscos Empresariais 2022, mostra que mais da metade das 130 empresas brasileiras ouvidas aponta como principais desafios em médio e longo prazos para seus negócios as mudanças climáticas (80%) e temas ESG em geral (67%). Também preocupam as novas cadeias de fornecimento (63%) e a atração e retenção de talentos (59%), tópicos muito relacionados aos desafios socioambientais.

Fomentar nas cidades ações voltadas à eficiência energética e energia renovável, ao destino final de resíduos e eletroeletrônicos, ao uso racional da água, à ativação social,

aos procedimentos sustentáveis internos, às obras e retrofits sustentáveis, às metas de redução de emissões nos equipamentos públicos, à carona sustentável e à criação de indicadores de sustentabilidade, dentre outras, garante a estruturação de boas práticas de gestão e governança. Construir um modelo de operação calcado em ações ESG revela um posicionamento transformador e inspirador para o coletivo da sociedade civil.

* Lívio Giosa, presidente da Associação Paulista Viva, diretor de Sustentabilidade da Central Brasileira do Setor de Serviços (Cebrasse), diretor do Conselho Nacional de Defesa Ambiental (CNDA) e coordenador geral do Instituto ADVB de Responsabilidade Socioambiental.



REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO ESG E SUA APLICAÇÃO NOS MERCADOS IMOBILIÁRIO E DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Por Juliana Rubiniak, com colaboração de Juliana Mourão*

Muitas vezes me deparo, pensando a respeito do tempo, com a velocidade das coisas. Penso que um dos efeitos mais sólidos da globalização talvez seja a consolidação e o compartilhamento dessa sensação de perda do tempo – do tempo, e não de tempo.

Meditar sobre o fato de que o mundo tem girado em velocidade extraordinária logo direciona o pensamento para a coletividade, para a necessidade da exploração de recursos naturais para fins de desenvolvimento humano. E, como não poderia deixar de ser, em especial nesse momento pós-pandêmico (ou talvez seja melhor classificar como intrapandêmico), faz lembrar os constantes ciclos de expansão e retração econômica a que o setor imobiliário está exposto.

O tempo, em admirável velocidade, tem sujeitado nossas gerações ao enfrentamento de desafios de proporções globais. Enquanto a humanidade, por natureza, anseia a melhora de condições de vida, defende a busca pelo equilíbrio entre aspectos econômico-ambientais e práticas de desenvolvimento sustentável no ambiente de negócios, o que se assiste é à desenfreada utilização de recursos naturais (e escassos, diga-se de passagem) por

uma população crescente, que precisa superar barreiras de inovação e desenvolvimento tecnológico para tentar encontrar solução para o conflito da moda: crescimento econômico ou proteção ambiental? Ou melhor: desenvolvimento humano ou conservação da natureza? Agregando algum drama: crescimento ou declínio? Sucesso ou colapso?

O conceito de sustentabilidade, que está longe de ser algo novo no ambiente de negócios, vem ganhando força à medida que as corporações e os tomadores de decisão passam a direcionar suas atenções à finitude dos recursos naturais. Se o desenvolvimento econômico e a perenidade da realização de negócios dependem da exploração do meio ambiente, essa preocupação se faz indispensável para a preservação da eficiência e produtividade desejáveis ao mundo corporativo.

Sustentabilidade, de forma geral, representa a utilização consciente dos recursos naturais necessários às cadeias de produção. O mercado imobiliário e o da construção civil, sem dúvida, estão entre os principais setores que não podem ignorar essa política. Não apenas em razão do volume e da frequência de utilização dos recursos disponíveis na natureza, mas também por sua relevância no desenvolvimento econômico da sociedade.

Há três pilares, conhecidos como PPL, sobre os quais se apoia a sustentabilidade: pessoas, planeta e lucro (em inglês, a sigla é PPP: people, planet and profit). Pessoas, planeta

e lucro são interconectados e, se alguma dissociação for admissível, ela se limita, por óbvio, à autossuficiência do planeta.

O cuidado com a preservação do planeta, sendo essa a base principal da sustentabilidade, fez se consolidar a sigla ESG. Do inglês “environmental, social e governance”, ESG é o termo utilizado para fazer referência às práticas de governança corporativa que carregam em sua base preocupações ambientais, sustentáveis e com olhar às demandas da humanidade.

O desincentivo às práticas de superprodução, aos desperdícios, à exploração abusiva e excessiva de recursos naturais, e a preocupação e os cuidados para evitar o esgotamento das fontes atualmente disponíveis para produção, quando operadas de forma cumulativa com o desenvolvimento de negócios e o consequente crescimento econômico, dão forma ao ambiente de negócios desejável para os fins e as preocupações da pauta ESG.

Pode parecer dramático e de difícil aplicação, mas não é. Em verdade, a adesão aos conceitos ESG de realização de negócios pode ser bastante simples. A ideia inicial a ser explorada por aqueles que estão atentos ao tema se apoia na certeza de que todos respondem de forma colaborativa aos impactos socioambientais originados pelos modelos de negócios empresariais utilizados no mercado. A agenda ESG é plural e não sobrevive em isolamento.

A implantação de culturas sustentáveis nas corporações é o caminho para a transição de uma economia classificada como take-make-waste (herdada de eventos de suma importância para a humanidade, mas de proporcional impacto adverso ao meio ambiente, a exemplo da Revolução Industrial) para uma economia dita “circular”. A primeira se refere ao modelo econômico em que matérias-primas são extraídas do meio ambiente para se transformarem em produtos que, após uso, são objetos de descarte. Já a segunda adota como premissa que o processo produtivo envolve o uso e a posterior recuperação dos recursos naturais explorados.

Para os negócios imobiliários, a gama de vantagens oriunda das práticas sustentáveis é vasta e palpável. Se corretamente inseridas no planejamento estratégico das empresas, os resultados podem ser percebidos no preço das ações e no impacto externo passível de ser observado entre clientes e comunidades afetadas. A exploração de práticas de impacto social positivo, por exemplo, eleva a representatividade, a respeitabilidade e o poder de compra da empresa no mercado, gerando sentimento de pertencimento e agregando valor ao negócio explorado.

A título ilustrativo, como oportunidades de negócios a serem exploradas pelo setor com objetivo de implementação de cultura e economia sustentável, podem ser citadas o desenvolvimento de empreendimentos com objetivo de revitalização de áreas públicas, a

implementação de práticas net zero (zerando emissões líquidas de gases de efeito estufa), a redução de consumo de água/energia em obras, a fiscalização da cadeia produtiva com mecanismos tecnológicos, a criação de programas de diversidade – impactando o público e clientes, etc. A escolha de parceiros que possuam políticas de economia circular ou sustentável em seus negócios também é elemento de simples aplicação e que gera efeitos em cadeia para os fins almejados.

A prática da agenda ESG também atrai investidores que procuram direcionar seus recursos para projetos que causem impactos positivos nas regiões por eles afetadas. Existe atualmente um setor do mercado que explora o denominado “investimento de impacto”. Aqueles que procuram esse modelo de negócio demandam que os recursos financeiros investidos sejam convertidos em ações que gerem impacto positivo na sociedade e ao meio ambiente. O retorno do investimento nesses casos é medido pelo impacto positivo originado pelo projeto. Projetos que atingem suas metas pagam aos investidores não apenas bônus, que podem ser atraentes, mas também a satisfação de terem feito a diferença em determinada comunidade.

Agrega-se, ainda, como incentivo subjetivo aos acima indicados, a certeza de cada interessado na consolidação dos conceitos ESG de sua atuação em favor da perenidade de serviços, da transformação social das cidades,

da preservação da qualidade de vida das gerações futuras e da promoção de impactos positivos de larga escala.

Vivemos um momento em que a natureza e a economia clamam por ações concretas de toda a sociedade, e não somente de organizações sem fins lucrativos exclusivamente dedicadas e comprometidas em reduzir desigualdade e proteger o meio ambiente. O tempo urge. É momento de encarar desafios e transformar problemas em oportunidades de negócio. A busca do resultado tradicional por lucros ou retorno de investimento precisa incluir, em essência, preocupações ambientais e sociais.

Antes de encerrar, deixo aqui como reflexão uma frase de Millôr Fernandes (dramática, reconheço), que adere com esmero ao conteúdo deste artigo: “Quem mata tempo não é assassino, é suicida”.

* Juliana Rubiniak,
advogada, sócia na área
de Operações Imobiliárias
da Navarro Advogados
e coordenadora do
Comitê de Políticas
Sociais e Sustentabilidade
do Instituto Brasileiro
de Direito Imobiliário
(Ibradim).



APLICAÇÃO DO ESG NO SETOR DA CONSTRUÇÃO

Por Roberto de Souza e Márcia Menezes*

Com o objetivo de aumentar o engajamento das empresas com as questões sociais, ambientais e de governança, em 2004, o então secretário da Organização das Nações Unidas (ONU) utiliza o termo ESG (environmental, social & governance) em um relatório do Pacto Global para incentivar a integração desses fatores no mercado de capitais.

Paulatinamente, os aspectos relacionados ao ESG vêm sendo incorporados em avaliações de organizações, investimentos e operações. De forma geral, há o reconhecimento de que as empresas e os projetos que incorporam esses aspectos em suas estratégias de negócio têm visão ampliada dos seus riscos e seus impactos ambientais e sociais, representando maior credibilidade, segurança e sustentabilidade.

O mundo empresarial está, de fato, ampliando a sua perspectiva quanto aos resultados de seus negócios. O conceito de que as empresas e seus negócios geram impactos positivos na sociedade e no meio ambiente está ganhando força e sendo adotado pelos grandes agentes econômicos líderes que, além de garantia do lucro, visam a incluir as questões socioambientais em seus compromissos e estratégias. Não haverá

espaço para organizações que não assumirem a sua responsabilidade em relação ao desenvolvimento sustentável.

ESG NO SETOR DA CONSTRUÇÃO

Há mais de uma década, o setor da construção tem sentido o aumento da demanda pela adoção de soluções mais sustentáveis. Esse movimento está muito claro quando olhamos a evolução das certificações green building que envolvem, em sua maioria, os empreendimentos corporativos, industriais e institucionais. Com isso, os temas ambientais presentes na maioria dos referenciais utilizados no Brasil já são muito conhecidos no setor.

Mesmo com número bastante expressivo de empreendimentos certificados, a adoção de soluções mais eficientes e que trazem benefícios ao planeta ainda são restritas a pequena parte das construções brasileiras. Infelizmente esse tema ainda não se transformou em um requisito crítico de escolha pelo consumidor aplicado no momento da compra ou da locação de um imóvel.

A ampliação desse movimento começou a ser cobrada há poucos anos, quando investidores passaram a investigar e avaliar o compromisso das empresas construtoras e incorporadoras com os três pilares do ESG.

ENTENDENDO A RESPONSABILIDADE DO SETOR DA CONSTRUÇÃO

Muitos dos recursos naturais que foram naturalmente gerados durante anos já são escassos e não estarão mais disponíveis muito em breve. Além disso, são perceptíveis as alterações climáticas causadas pela emissão de gases e poluentes, impactando nas condições naturais de vida em nosso planeta em razão do aumento de temperatura. Esse desequilíbrio, além de provocar mudanças importantes no meio ambiente, também contribui para o aumento das desigualdades sociais em diversas partes do mundo.

Ao avaliar como o setor da construção contribui com essa situação, observa-se que ainda existe a grande utilização de insumos baseados nos recursos naturais. Também ocorrem importantes emissões de gases de efeito estufa (GEE) relacionadas à fabricação dos materiais e aos processos construtivos, e outras ligadas ao uso e à operação dos empreendimentos ao longo de sua vida útil.

Parte representativa dos GEE emitidos no mundo decorre da geração da eletricidade necessária para o uso e a operação dos edifícios, considerando as atuais matrizes energéticas utilizadas.

Olhando pelo aspecto social, além de o setor ser considerado grande gerador de emprego e renda, fornece produtos para garantir habitações, edificações de vários

tipos, infraestrutura e saneamento. Por outro lado, as condições de trabalho oferecidas aos operários nos canteiros de obras são bastante expostas e com riscos de acidentes.

Com esse cenário, não há como estruturar um projeto sem incluir diretrizes socioambientais, independentemente do seu tamanho. Empreendedores e investidores estão muito atentos aos riscos relacionados aos processos e produtos da construção, e querem entender como esses aspectos estão sendo considerados e tratados.

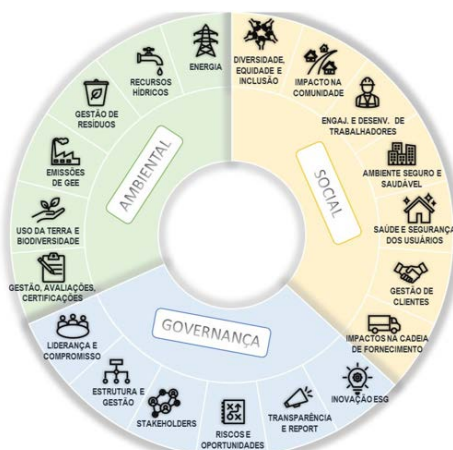
Mesmo sem ter a demanda clara e efetiva do consumidor atual, o setor da construção precisa avançar no tema ESG. Além de considerar a questão ambiental, há necessidade de pensar em questões sociais e de governança das empresas da cadeia produtiva. É o momento de compreender as responsabilidades e os impactos gerados pelos produtos e pelas operações do setor, e atuar de maneira positiva no processo de transformação global.

Já é possível notar que várias empresas da cadeia produtiva da construção estão se estruturando para aderir aos princípios ESG. Observa-se que já existe a tendência de esse assunto ser cada vez mais exigido por fundos de investimento e agentes financeiros, tornando-se condição para acessar recursos, diminuir riscos nas operações e garantir resiliência aos negócios.

É fundamental pensar em como o setor da construção pode participar ativamente da transformação das cidades por meio dos negócios, trazendo soluções eficientes e com uso equilibrado dos recursos naturais.

Considerando as especificidades do setor da construção e visando a criar um referencial para orientar a Jornada ESG das empresas da cadeia produtiva, o Centro de Tecnologia de Edificações (CTE) desenvolveu a Mandala ESG – Setor da construção (ver figura) que vem aplicada na capacitação e na consultoria para implantação do sistema ESG em grupos de empresas do setor.

Os temas organizados nessa Mandala, nas três dimensões do ESG, podem ser aplicados em todas as empresas e negócios do setor da construção.



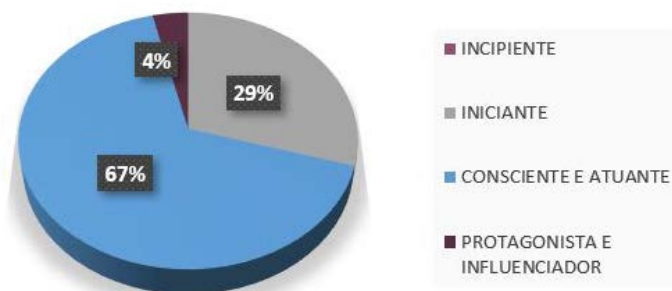
ALGUNS RESULTADOS

Com base em avaliações realizadas pelo CTE em 27 empresas incorporadoras e construtoras líderes, apresentamos a seguir alguns dados que nos ajudam a entender melhor o estágio de evolução dessas empresas, considerando a Mandala ESG apresentada anteriormente.

Ao responder às questões, cada empresa identificou em que estágio de evolução ela está na Jornada ESG, considerando quatro categorias:

- (1) INCIPIENTE;
- (2) INICIANTE;
- (3) CONSCIENTE E ATUANTE;
- (4) PROTAGONISTA E INFLUENCIADOR.

O resultado geral obtido é bastante positivo e demonstra que as companhias já estão em processo de evolução. Observa-se que 67% delas se encontram em fase de consolidação do ESG CONSCIENTE E ATUANTE, ou seja, já mantêm várias práticas e iniciativas implementadas de forma consistente.



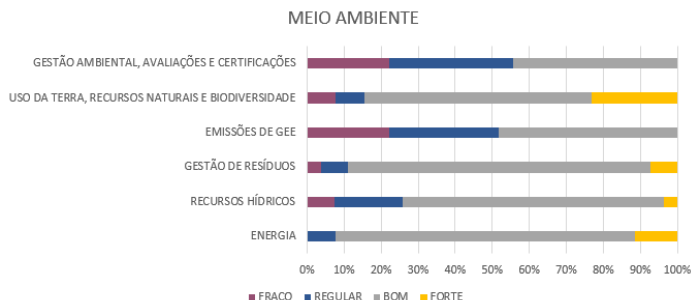
DIMENSÃO AMBIENTAL

Em relação às questões ambientais, 88% das empresas apresentaram desempenho considerado BOM em relação às práticas e iniciativas consideradas na Mandala CTE.

Destacam-se alguns fatores que podem ser objeto para a evolução das empresas, de forma a se tornarem protagonistas e influenciadoras nesse tema:

- melhoria dos processos de gestão ambiental e obtenção da certificação NBR ISO 14.000;
- realização de inventários de carbono para as emissões diretas e indiretas, de modo a evoluir para a sua redução e/ou compensações;
- desenvolvimento de diretrizes de projetos com enfoque na incorporação de soluções eficientes;
- adoção de novos sistemas e tecnologias construtivas, mais industrializadas e com menor impacto ambiental;
- parcerias com a cadeia de fornecimento para aumento da logística reversa;
- ampliação da abrangência de cada um dos temas para a cadeia de valor, com programas de qualificação e desenvolvimento de fornecedores;
- aumento de uso de fontes de energia mais renováveis e limpas nos canteiros de obras;
- aplicação de tecnologias para a geração de energias limpas e renováveis para a operação e o uso dos empreendimentos.

O gráfico, a seguir, apresenta de forma esquemática o volume de empresas que se encontram em cada nível, em relação a cada aspecto avaliado no eixo ambiental.



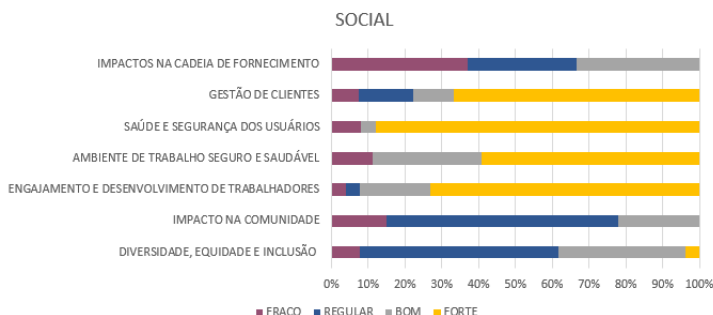
DIMENSÃO SOCIAL

Os resultados das avaliações no âmbito social também são bastante positivos, na medida em que 7% das empresas já se enquadram como PROTAGONISTA E INFLUENCIADOR e 81% estão na categoria CONSCIENTE E ATUANTE.

Os destaques ficam com os aspectos relacionados aos trabalhadores e clientes, em que várias organizações já se posicionam com práticas de excelência. Alguns temas, porém, merecem maior dedicação, como:

- evolução no tema diversidade, equidade e inclusão, com políticas, compromisso e programas visando às mudanças de cultura;
- desenvolvimento de estratégias e compromissos voltados para a comunidade;
- desenvolvimento da cadeia de fornecimentos em relação ao tema ESG.

O gráfico, a seguir, apresenta de forma esquemática o volume de empresas que se encontram em cada nível, em relação a cada aspecto avaliado no eixo social.



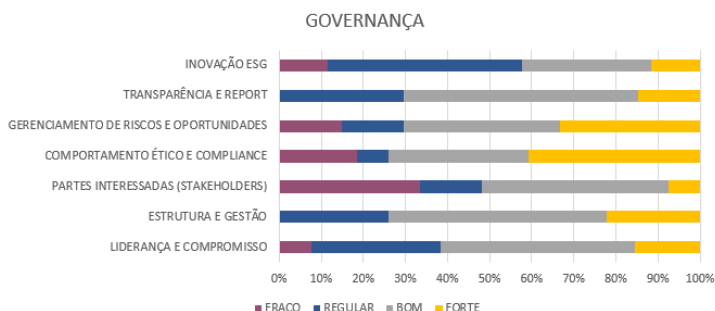
DIMENSÃO DA GOVERNANÇA

Nos temas relativos à governança, há muito espaço para as empresas pesquisadas evoluírem, uma vez que 37% se enquadram nos níveis mais baixos (fraco e regular). De maneira geral, mesmo que 59% das empresas estejam com bom desempenho em relação à governança, há vários aspectos que podem ser melhorados, tais como:

- desenvolvimento e formalização de compromissos e políticas ESG;
- melhoria da estrutura de governança com a implementação de conselhos e comitês para assuntos específicos;
- incorporação de objetivos e metas ESG no planejamento da empresa;
- mapeamento das partes interessadas e definição dos métodos de diálogo e engajamento com os stakeholders;

- desenvolvimento da matriz de materialidade para identificar os temas ESG estratégicos;
- melhoria do sistema de gerenciamento de riscos, incluindo questões ambientais, sociais e de governança;
- implementação de programas de integridade, incluindo códigos de ética, canais de denúncia, respostas e controles;
- comunicação e relatórios ESG;
- incorporação dos aspectos ESG nas estratégias e nos investimentos de inovação.

O gráfico, a seguir, apresenta de forma esquemática o volume de empresas que se encontram em cada nível, em relação a cada aspecto avaliado no eixo governança.



AÇÃO SETORIAL PARA O ESG

Considerando a amostra pesquisada, de forma geral já se observa a presença e a consciência das empresas quanto às suas responsabilidades relacionadas às três dimensões do ESG. Certamente ainda existe um longo caminho de aprendizado para a evolução das organizações nessa jornada.

Esse caminho, entretanto, não será trilhado de maneira individual.

Todos aqueles agentes que participam do desenvolvimento dos empreendimentos de construção, desde a sua concepção, passando por seu projeto, pela fabricação de matérias-primas e pela execução das obras, até a gestão da operação dos empreendimentos, têm a possibilidade de pensar em soluções mais eficientes e que causem impactos positivos tanto ambientais quanto sociais.



* Roberto de Souza (CEO) e Márcia Menezes (diretora), do Centro de Tecnologia de Edificações – CTE.

MOMENTO DECISIVO PARA A AMÉRICA DO SUL E TODO O PLANETA

As mudanças climáticas poderão levar a perdas econômicas de trilhões de dólares na nossa região, mas elas são evitáveis. O Brasil tem um papel de liderança a desempenhar na transição global para uma economia de baixo carbono.

Por Anselmo Bonservizzi*

As decisões sobre políticas públicas e investimentos privados tomadas nos próximos anos moldarão em grande parte a economia e o clima do Brasil. Os efeitos das mudanças climáticas já são sentidos e, sem uma ação coordenada entre governos, empresas e ONGs para desenvolver e implementar as soluções inovadoras que o momento exige, as consequências serão irremediáveis – para as pessoas, para a sociedade e para os negócios.

Estudo lançado recentemente pela Deloitte no Fórum Econômico Mundial 2022, “The turning point: um novo clima econômico na América do Sul”, revela que, se não forem controladas, as mudanças climáticas poderão levar a perdas econômicas de US\$ 17 trilhões entre 2021 e 2070 para a América do Sul.

Na prática, essa forte regressão da economia pode se traduzir em 18 milhões de empregos a menos nas economias da região em 2070, último ano da série estudada. Para ter uma ideia, nesse mesmo ano de 2070, a América do Sul pode sofrer a perda de 12% de seu PIB – o equivalente a US\$ 2 trilhões. Para efeitos de comparação, esse recuo é maior do que a economia atual do Brasil.

Esse cenário trará ainda uma forte pressão em diversos setores, como os de agricultura, saúde, turismo, manufatura, infraestrutura e finanças – segmentos que estão particularmente ligados às condições térmicas e de saúde humana.

Sem uma verdadeira mudança de rota, e de mentalidade, caminhamos para uma economia global prejudicada pelo clima. Os impactos das mudanças climáticas, porém, ainda são evitáveis. O progresso contínuo e a inovação na descarbonização são fundamentais para que a América do Sul seja capaz de superar os desafios climáticos que enfrenta atualmente.

UMA DÉCADA DETERMINANTE

A rápida descarbonização apresenta benefícios importantes – a partir de meados da década de 2060, a América do Sul poderá atingir seu ponto de virada, quando os ganhos econômicos da descarbonização começam a superar os custos.

Para alcançar esse objetivo ambicioso, é preciso preparar o terreno para uma rápida descarbonização ainda nesta década, até 2030. Isso requer a aceleração de inovações, investimentos e iniciativas em Pesquisa & Desenvolvimento para viabilizar a implementação de tecnologias e ferramentas necessárias para que os impactos positivos se prolonguem além dos próximos anos.

O aspecto regulatório também tem um papel fundamental. As metas de neutralidade de carbono para 2050 precisariam ser legisladas em todos os países da América do Sul, o que pressionaria o Brasil a antecipar em uma década sua meta net zero atual, estabelecida até 2060.

O DESAFIO BRASILEIRO

O Brasil tem um papel de liderança a desempenhar nesse contexto – a partir de seus importantes diferenciais – na transição global para uma economia de baixo carbono, considerando sua riqueza de recursos naturais, a força de seu empresariado e o engajamento crescente da sociedade com o tema. Se começar a agir agora, o País ainda poderá ter um futuro de emissões líquidas zero, o que transformará indústrias, criará empregos e fortalecerá a economia.

No Brasil, o setor de Agricultura, Florestas e Uso do Solo, conhecido pela sigla em inglês AFOLU, é o principal emissor de gases de efeito estufa. Por outro lado, é também aquele com o maior potencial para reduzir suas emissões brutas e realizar o sequestro de carbono, para chegar em 2060 com emissões líquidas negativas.

Investimentos significativos em transmissão e armazenamento de eletricidade podem permitir que o Brasil aproveite recursos mais baratos e renováveis, como o uso de energia solar na região Nordeste. Incentivos fiscais, subsídios e garantias regulatórias ajudariam a impulsionar investimentos privados em tecnologias de transição e fomentar o desenvolvimento das principais indústrias, como a produção de baterias elétricas e hidrogênio verde.

Outro desafio importante para o País diz respeito ao cuidado com a população. O Brasil possui uma população extremamente diversificada, e com níveis extremos de desigualdade social e pobreza. Conforme aumentam a frequência e a intensidade dos eventos climáticos, eles terão efeitos ainda maiores sobre os mais pobres. Além disso, a perda de produtividade da terra no curto prazo (até 2030), como resultado das mudanças climáticas, ameaçará a segurança alimentar das populações de baixa renda, principalmente na Região Nordeste do País.

Qualquer futuro sustentável vislumbrado deve considerar a participação significativa de toda a população, abordando os efeitos sociais e econômicos da transição.

O momento é de ação. As iniciativas conduzidas agora terão efeitos benéficos e decisivos para todo o mundo. Agentes dos setores públicos e privados precisam desenvolver e implementar soluções coordenadas para que possamos alcançar esse ponto de virada climática.

* Anselmo Bonservizzi,
sócio-líder da Deloitte
para ESG e Risk Advisory



A IMPORTÂNCIA DO FEMININO NO NOVO MUNDO ORIENTADO PELO ESG

Por Elisa Rosenthal*

Uma revolução silenciosa atende por uma sigla de apenas três letras e promete ser referência para aqueles que querem prosperar em seus mercados daqui em diante: ESG.

O termo, que vem do inglês Environmental, Social, and Governance (Ambiental, Social e Governança), está carregado de significados e atitudes que serão sentidos não só no dia a dia corporativo como no fluxo de caixa e na reputação das empresas.

O ESG vai impactar a dinâmica corporativa e incorporar, no dia a dia, ações que vão muito além da lucratividade. É a atitude sendo valorizada, ao lado dos cifrões.

E é nesse sentido que se faz absolutamente essencial o papel da liderança feminina: é um diferencial para essa grande necessidade de reaprendizagem organizacional.

Estudo feito em 2019 sobre diversidade conduzido pela consultoria McKinsey & Company, comparando gênero e dados financeiros, mostrou que as companhias que possuem pelo menos uma mulher em seu time de executivos são mais lucrativas.

Justificar a maior presença de mulheres em cargos de liderança pela lucratividade não é assunto novo. Isso porque essas empresas têm 50% mais chance de aumentar a rentabilidade e 22% de crescer a média da margem Ebitda.

Quem não se adaptar será substituído, como evidenciaram os prognósticos da principal empresa de dados para o mercado financeiro, a Bloomberg, que anunciou o seu mais recente índice de igualdade de gênero, o Gender Equality Index (GEI), seguindo a esteira de movimentações do mercado por transparência de informações relacionadas à governança socioambiental.

A RELEVÂNCIA DO FEMININO NA NOVA ETAPA DO UNIVERSO CORPORATIVO

O “mercado por elas” vai obrigar os setores a pensarem de forma mais flexível, afinal, nós entendemos de jornada híbrida. O trabalho remoto vem sendo praticado pelas mulheres há décadas, seja de dentro das empresas, gerindo e administrando os lares, seja de dentro de casa, organizando as múltiplas atividades invisibilizadas e não remuneradas.

O que índices e indicadores como o GEI e o ESG trazem como diferencial é justamente a visibilidade do papel e a contribuição das mulheres na escala da lucratividade.

Para uma empresa pontuar no GEI, os fatores avaliados foram desde o compromisso em atrair, reter e desenvolver mulheres para posições de liderança até igualdade de remuneração e paridade salarial de gênero, políticas contra assédio sexual e posicionamento de marca pró-mulheres.

No mercado delas, as ações do dia a dia ganham visibilidade, e o “como você faz” para atingir seus resultados passa a ter métricas de performance para orientar a decisão de quem investe e quer resultados além do lucro.

Em sua rede social, o escritor e palestrante Simon Sinek, conhecido pelo seu best-seller “Comece pelo porquê” (Start with why), compartilhou um vídeo cujo título é “As empresas não existem para ganhar dinheiro” (Businesses do not exist to make money), no qual ele explica, por meio de um gráfico rabiscado em seu famoso flip chart, o caminho que percorremos para atingirmos os resultados.

De forma bem clara, Sinek mostra a diferença daqueles que entregam resultados custe o que custar e daqueles que chegam muito perto de atingir as metas, no entanto constroem uma jornada sustentável e deixam um legado consistente e alinhado com propósitos e valores sociais, ambientais e de governança – ESG.

Segundo relatório da PwC, até 2025, 57% dos ativos de fundos mútuos na Europa estarão em fundos que consideram os critérios ESG, o que representa US\$ 8,9 trilhões, em relação a 15,1% no fim do ano passado.

Além disso, 77% dos investidores institucionais pesquisados pela PwC disseram que planejam parar de comprar produtos não ESG nos próximos dois anos.

No Brasil, fundos ESG captaram R\$ 2,5 bilhões em 2020 – mais da metade da captação veio de fundos criados nos últimos 12 meses. Esse levantamento foi feito pela Morningstar e pela Capital Reset.

* Elisa Rosenthal, LinkedIn Top Voices e TEDxSpeaker. Mentora, consultora estratégica de negócios, podcaster pelo Vieses Femininos. Idealizadora e fundadora do Instituto Mulheres do Imobiliário. Colunista na revista HSM, Imobi Report e Exame Invest. Head de Growth, Onboarding Specialist na eXp Realty Brasil e embaixadora da linha Crediall Mulher.



O ESG É MAIS QUE UMA SIGLA

Por Luiz França*

“O ESG traduz as premissas que todo o mercado deve ter para o desenvolvimento sustentável da economia. No setor da incorporação imobiliária, temos exemplos de empresas que vêm se comprometendo com os conceitos ESG e o ecossistema em que atuam, e muitas delas são associadas ABRAINC. Tenho orgulho disso! Ser ESG é um diferencial na captação de investimentos e análises de risco por parte de instituições públicas, privadas e estrangeiras, além de representar mais solidez e resiliência. Definitivamente, o ESG será capaz de consolidar a transformação positiva necessária ao País e ao mundo.”



* Luiz França, presidente da ABRAINC.

ESG É ESSENCIAL PARA A TOMADA DE DECISÕES DOS INVESTIDORES

Por Cícero Araújo*

“É fato que hoje as informações ESG são essenciais para a tomada de decisões dos investidores. É certo também que os consumidores buscam cada vez mais empresas sustentáveis, e elas próprias já têm em sua política a priorização dessa agenda, fundamental para todo o ecossistema que as envolve. No âmbito da incorporação imobiliária, as associadas ABRAININC já lideram práticas ESG na construção civil, e o compromisso com a sustentabilidade tem crescido bastante nos últimos anos. Exemplos na área não faltam, mas o importante é o entendimento de que consumidores e investidores buscam cada vez mais empresas sustentáveis, que esse é sim um diferencial competitivo e vai ajudar a definir os vencedores no futuro.”



* Cícero Araújo, VP de Relações Institucionais e Governamentais da ABRAININC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://conteudos.stilingue.com.br/estudo-a-evolucao-do-esg-no-brasil>

<https://valor.globo.com/legislacao/noticia/2022/01/24/falsa-sustentabilidade-no-mercado.ghhtml>

<https://valor.globo.com/patrocinado/imoveis-de-valor/noticia/2022/01/28/reciclar-reduzir-e-reutilizar-residuos-e-o-novo-mantra-da-construcao-civil.ghhtml>

<https://www.abrainc.org.br/abrainc-explica/2021/07/22/esg-na-pratica-setor-de-construcao-civil-lidera-bons-exemplos>

<https://www.gbcbrasil.org.br/esg-na-construcao-civil-como-esse-conceito-pode-contribuir-para-o-setor>

<https://cte.com.br/blog/sustentabilidade/esg-construcao-civil>

<https://celere-ce.com.br/sustentabilidade/esg-na-construcao-civil>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/aquecimento-global-mudancas-podem-ser-irreversiveis-entre-2040-e-2050#:~:text=Ondas%20de%20calor&text=O%20documento%20tamb%C3%A9m%20alerta%20para,por%20causa%20do%20aquecimento%20global>

<https://ga-institute.com/Sustainability-Update/sec-focuses-efforts-on-climate-related-corporate-disclosures>

https://image.conteudo.neoway.com.br/lib/fe3211717164057f711c74/m/2/e91fbf8e-8541-480b-94fb-d0b5f7c2fe58.pdf?_ga=2.111838980.1809778437.1643743354-1199016086.1643743354&_gac=1.208266662.1643743354.EAIAIQobChMI_5Osk5rf9QIVmICGChO6lwh5EAAYAAAEgLaAfd_BwE

<https://analise.com/opinioao/o-esg-nas-operacoes-de-financiamento-imobiliario>

<https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/brasil-chega-marca-de-100-operacoes-financeiras-sustentaveis-e-bate-us-18-bi.html>

<https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/bndes-finem-meio-ambiente-produtos-processos-sustentaveis>

<https://veja.abril.com.br/agenda-verde/banco-central-avanca-no-incentivo-a-um-sistema-financeiro-mais-sustentavel>

<https://www.sienge.com.br/blog/desperdicio-na-construcao-civil-impactos-no-meio-ambiente>

<http://www.usp.br/aun/antigo/exibir?id=4848&ed=853&f=2>

<https://www.mobussconstrucao.com.br/blog/desperdicios-na-construcao-civil>

<https://www.moneytimes.com.br/caixa-lanca-linha-de-credito-para-sistemas-fotovoltaicos-residenciais-e-fundo-esg>

<https://imobireport.com.br/o-que-o-mercado-imobiliario-precisa-saber-sobre-esg>

<https://adit.com.br/como-o-esg-afeta-o-mercado-imobiliario-e-o-desenvolvimento-das-cidades-para-as- pessoas>

<https://www.italu.com.br/sustentabilidade/show.aspx?idCanal=xSx/EiFcL+voOxmHyBX5w==&linguagem=pt>

<https://www.santander.com.br/sustentabilidade/noticias/credito-para-sustentabilidade>

<https://invest.exame.com/esg/bradesco-vai-conceder-r-250-bilhoes-em-credito-para-negocios-esg>

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2021/07/o-significado-da-sigla-esg-que-esta-acelerando-a-busca-de-empresas-por-acoes-de-economia-sustentavel-ckqwxrr8300d8019387rumogy.html>

<https://conteudos.xpi.com.br/esg/radar-esg-incorporadoras-de-alta-renda-esg-ainda-em-construcao>

<https://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinza/que-e-esg-e-por-que-a-construcao-civil-adere-aos-seus-conceitos>

<https://investidor.estadao.com.br/mercado/esg-itauestamoscutucandomercado>

<https://www.itaubr/relacoes-com-investidores/show.aspx?idMateria=815auud+dNQe642Rm3o76A==&linguagem=pt>

<https://www.doisamaisalimentos.com.br/certificacao/construtora-planeta-recebe-certificacao-de-sustentabilidade>

<http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2013/07/construcao-civil-consome-ate-75-da-materia-prima-do-planeta.html>

Cresce interesse e demanda por informações ESG no mercado, mostra estudo da CVM - InfoMoney (infomoney.com.br)

Informações ESG devem vir a mercado a partir de regulação internacional em 2024 | ESG | Valor Econômico (globo.com)

Estudo da CVM mostra maior demanda por informações ESG (msn.com)

<https://www.capitalreset.com/cvm-divulga-estudo-sobre-esg-para-futuras-reflexoes>

<https://www.sienge.com.br/blog/o-que-e-esg-nas-empresas>

<https://brasil.un.org/pt-br/node/88191>

https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/acordo-de-paris-e-ndc/arquivos/pdf/acordo_paris.pdf

<https://www.gov.br/cvm/pt-br/assuntos/noticias/cvm-divulga-estudo-sobre-esg-e-o-mercado-de-capitais>

<https://www.gov.br/cvm/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/estudos/a-agenda-asg-e-o-mercado-de-capitais.pdf>

<https://www.pactoglobal.org.br/no-brasil>

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/09/29/brasil-tem-melhora-fr-gil-em-ndice-de-inovao-global.ghtml>

[https://brasil61.com/n/brasil-ganha-tres-posicoes-no-indice-global-de-inovacao-igi-pind223566#:~:text=Na%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20da%20CNI%2C%20embora,\(de%2059%C2%BA%20para%2053%C2%BA](https://brasil61.com/n/brasil-ganha-tres-posicoes-no-indice-global-de-inovacao-igi-pind223566#:~:text=Na%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20da%20CNI%2C%20embora,(de%2059%C2%BA%20para%2053%C2%BA)

<https://www.tupi.fm/sentinelas/importancia-do-feminino-no-novo-mundo-orientado-pelo-esg/amp/>

<https://www.itau.com.br/sustentabilidade/avaliacao-esg/>

<https://www.bb.com.br/docs/portal/dimef/SelecaoBBESG.pdf>

<https://banco.bradesco/html/classic/sobre/sustentabilidade/internas/noticias/noticia14.shtm>



ABRAINCO

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
INCORPORADORAS IMOBILIÁRIAS**

A B R A I N C . O R G . B R

